

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1ª DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O governo suspendeu o estado de sitio com alguns dias de antecedencia ao prazo da ultima prorogação, lambugem que o povo lhe deve agradecer com alguma dessas manifestações muito em vóga na historia dos opprimidos gratos aos oppressores.

O governo — dóe-nos dizel-o — abuzou do estado de sitio, prorogando-o sem necessidade, ou por motivos que permanecem entre as sete chaves das razões de Estado, que sempre fôram razões clandestinas, incapazes das rutilancias da luz, razões absurdas, inconfessaveis. E fazemos estas affirmações fundadas nas declarações peremptorias da auctoridade competente, do depositario dos destinos da ordem publica, o sr. chefe de policia, proclamando varias vezes, em documentos de solemnidade victoriosa, que a ordem publica fôra completamente restabelecida depois das energicas medidas tomadas para a repressão dos culpados pelos acontecimentos de novembro.

Não se pôdem, com effeito, harmonisar essas declarações de quem conhece os segredos da politica militante, de quem tem, nas mãos providas, as tramas subtis das conspirações, de quem apanha e decanta, em subtis aparelhos de analyse, as secreções da alma popular, alegre ou conturbada por desgostos e vexames, que são o germen, o fermento das dispepsias nacionaes; ninguem pôde conciliar as declarações da policia sobre a tranquillidade publica com as successivas prorogações do estado de sitio.

Esse procedimento do governo provocou um conflicto entre a razão e os factos, passou á categoria de um acto de rigor sem causa, e, por consequente, desbordou do terreno legal para o terreno escabroso da violencia, minado de escólhos formidaveis para os governos, que devem viver da opinião e da justiça.

Se a policia affirmava que a ordem estava, amplamente, restabelecida, se a funcção do aparelho social se restabelecera, graças á attitude energica e louvavel do governo, é natural que do fundo de todas as consciencias partisse uma reclamação dos motivos dessa contradição apparente, da justificação desse acto que, como medida de extremo rigor, não pôde ser barateado, sem grave leção aos principios constitucionaes. Por isso, lavra uma surda anciedade pelas razões justificativas que o governo dará ao Congresso, na proxima sessão, dessa tão prolongada restricção da liberdade.

Quaesquer que ellas sejam, futeis ou valiosas — sabemol-o de antemão — serão acceitas, applaudidas pelos representantes da nação, anciosos por vagas para demonstrarem o seu apêgo, a sua dedicação, sem limites, ao poder executivo, que continúa a ser, depois do corpo de bombeiros, a unica organização vigorosa e invencivel da Republica.

O voto desses representantes da nação ou, com mais verdade, representantes da desastrosa politica dos governadores, não terá o condão de absolver o governo do erro de abuzar da victoria, mareando o prestigio conquistado pela firmeza patriotica, quasi heroica, do presidente da Republica, no momento psychologico em que os raros amigos ao seu lado e mesmo aquelles que tinham o dever profissional da coragem, do sacrificio até á morte, lhe aconselhavam o desastre de uma fuga vergonhosa, que seria uma calamidade nacional.

As razões do medo se transformam, quasi sempre, depois das victorias inesperadas, em razões de excessos de violencias contra os vencidos, como se os vencedores accidentaes se quizessem desferrar da humilhação, dos sustos que raspam.

E esse medo, remanescente em espectros de suspeitas recalcitrantes, superiores ás evidencias da victoria, in-

spirou, sem duvida, a cautela de entrincheirar o governo nos bastiões do estado de sitio, quando elle poderia confiar, absolutamente, nas garantias invenciveis da sua força moral, do apoio espontaneo da maioria da nação, muito escabriada de motins e dictaduras militares.

Não previram os conselheiros das prorogações que a ostentação arrogante do receio official, chegaria ao grotesco de um espantallo no meio de um campo desolado, sobre o qual as cambachilras da ironia popular iriam pousar irreverentes, gorgeando a canção serena com que as avesinhas do céu celebram a paz da terra. Não previram que, com essas excrescencias de temor á hydra morta, quasi roubavam ao sr. presidente da Republica a honra de passar para a phalange gloriosa dos benemeritos da patria, honra já-mais prevista, já-mais anhelada nas modestas aspirações quietas de um homem honrado, sem ambições, feito para as saborosas delicias do lar e desviado, por temperamento, dos rompan-tes de valentia que fazem os heróes.

E, todavia, esse homem amavel e bom, valioso sem a preocupação de o ser, foi o unico heróe dos acontecimentos: foi o centro de resistencia auxiliado, providencialmente, pela fatalidade, que prostrou, ás primeiras balas, o infeliz general Travassos.

Porque não desobedeceu o inclyto cidadão aos conselheiros das prorogações do estado de sitio, como fez quando lhe aconselharam a fuga? Porque não perdurou no seu espirito recto, aquella divina inspiração do dever civico, quando do céu brusco fugiram as nuvens tormentosas e os horizontes se clarearam aos fulgores da paz?

Uma das preocupações do sr. Campos Salles, era governar sem estado de sitio, apesar das commoções intestinas, das graves perturbações da ordem occorridas no seu quatriennio, como aquella tremendo caso da S. Christovão, que teve lampeões

quebrados, bondes descarrilhados, cidadãos inermes assassinados, em pleno sol, pela policia desenfreiada, em desapoderadas correrias pelas ruas da capital.

E ninguem lhe pôde recusar louvor por essa abstenção da medida de extremo vigor, que fulmina a maioria de innocentes para a repressão da culpa de alguns discolos, ambiciosos irrequietos ou motineiros profissionaes, quando esteve sob a ameaça de uma conspiração, cujo acto inicial seria a *eliminação*, euphemismo que, nos turvos dias da idade média da Republica, attenuava o grosseiro e cruel vocabulo — *assassinato*.

Sempre que a opposição verberava os actos do sr. Campos Salles, a sua obsecção á influencia de ministros omnipotentes, que transformavam a secretaria em ante-camara de aventuras galantes, ou em beliquetes de amores pagos com as sobras das magnificas liquidaciones; sempre que se lhe indicava como padrão de probidade administrativa, a austeridade inquebrantavel de Prudente de Moraes, os seus defensores, que fôram muitos, repetiam a insinuação de que elle nunca decretára o estado de sitio.

E, na verdade, parece ter sido essa virtude tomada em conta, no juizo benevolo da nação, para absolver o honrado ex-presidente da culpa de ignorancia ou demasiada confiança, punida com amargurados dias de soffrimento.

Os factos de novembro fôram mais graves, a perturbação da ordem foi mais evidente, chegou ao excesso louco de verdadeiras batalhas sangrentas no meio das ruas, e, por isso, louvaram todos o emprego do estado de sitio, decretado pelo Congresso; todos experimentaram um doloroso sentimento de surpresa, quando leram o primeiro decreto do poder executivo invocando a justificação caduca, repellida pela evidencia dos factos.

Mas. para que insistirmos nessas coisas tristes? O illustre chefe da nação deve, a esta hora, estar convencido do erro cujo resultado actual é a calumniosa suspeita de se haver mantido a pressão do estado de sitio para encurralar a consciencia dos juizes, tanto assim que elle cessou com a pronuncia dos culpados militares.

Essa coincidência pôde ser parto do acaso; mas sempre serve de cabo ao machado da opposição.

POJUCAN.

## A CIDADE DA SAUDADE

(Recordação de uma visita á Lapa)

Chovia a cantaros quando, bruscamente, o trem parou. Pelas vidraças lacrymejantes, via-se a estação modesta e deserta. João Gutierrez, director da estrada, saltou. Saltamos com elle. Estavamos na Lapa.

Além das auctoridades, prevenidas por um telegramma retardado, não havia mais ninguem. Só no banco, um velho dormitava entre trez creanças quietas, que nos olhavam com os seus lindos e pasmados olhos. Eram as trez morenas, do penugento moreno dos pecegos, e os seus grandes olhos estriavam-se d'oiro, tinham reflexos de lagos, tocavam-se de tons lunares. O trem de novo silvou; as auctoridades approximaram-se mais. Remergulhámos no wagon. O céu fiava em torno um nevoeiro de lagrymas. E partimos, enquanto as trez creanças continuavam a olhar, sem curiosidade, a chuva triste.

No outro dia, voltámos. Ainda vinha longe o trem, e já a philarmonica tocava um dobrado. O sol abria no ar a sua doce luz e o céu era de um purissimo azul, de um infinito azul, onde se perdiam o vôo dos passaros e as longas collinas verdes. A' nossa chegada, a banda, um grupo de homens idosos, regidos por um menino de roupas brancas, foi mais estridente, as autoridades appareceram; mas, a não ser as creanças, outras creanças com identicos olhos de sonho, não havia na *gare* uma só cabeça curiosa.

Saímos a pé. Instinctivamente, todos nós sentiamos como o prenuncio de emoções tristes.

As cidades são como symbolos de idéas e de sentimentos. Cada cidade, cada villa representa sempre um estado d'alma. Ha cidades alegres, que riem para a gente e que se deixa com pezar; ha cidades pretenciosas, cheias de filaucia; ha cidades petulantes abertas ao progresso, onde se chega sempre como se fôsse para ficar; ha cidades pobres, que esmolam pelos caminhos; ha cidades, cuja apparencia é a dos bancos em que reflúe o oiro; ha cidades de sonho, onde os poetas são mediocres e toda a gente é poeta... O Paraná, com o desenvolvimento anormal de alguns pontos, tem a especialidade das cidades mortas, que morreram como as creanças, sem tradições. Assim, Paranaguá, á beira do mar, vetusta e tremula; assim Morretes, antigo centro commercial; assim Castro, cujo ar dá a eterna vida.

Os habitantes resignam-se, festejam com hymnos a fundação das cidades, e tudo depende de estrada de ferro. Onde chega a locomotiva, vê-se prospera uma villa; vão mais adeante os trilhos, levam consigo a vida que trouxeram. A culpa é de todos. Um homem faz a sua vida, a multidão faz a vida das cidades, e como não se vê isso lá, as cidades esmorecem e tombam. O Paraná apresenta os grandes contrastes: — cidades que alcandóram progressos maximos, cidades que se sudarisam sem ter vivido. A Paranaguá antepõe-se Curityba, na sua larga ellypse victoriosa; a Castro, Ponta Grossa, com os seus palacetes e a sua cathedral; á tristeza de Morretes, Rio Negro, que é a propria jocundidade.

Todas as cidades, porém, téem uma expressão immediata. Só uma fica no valle, cruxificada nos espaços como o marco das recordações e das amarguras: a Lapa, a cidade da saudade. As ruas largas em ladeira, as ruas estreitas ligando as ruas largas, estão sempre silenciosas e mudas. Na nossa travessia, com as auctoridades, como nós, deslocadas, apenas pelas janellas, pelas portas, as creanças, o bando implume das creanças lembrava a vida, alegrando aquella tristeza, como um tufo de rosas alegre a agonia de um velho muro em ruína.

A Lapa tem para se ver na uberidade dos campos, as suas chagas de guerra, e não falam della os habitantes senão para mostral-a no panico dos combates, ensanguentada e heroica. Poucos passos tinhamos andado, de vagar, na terra molle, quando alguem, estendendo o braço, disse:

— Foi allí que elles acamparam...

Immediatamente, a visão dessa barbara peregrinação parada á beira de uma villa graças á heroica resistencia de um homem, tornou-se nitida. Como foi possivel resistir tanto tempo?

A cidade descendo as ruas para o campo, parece esvaír-se; os federalistas avançavam, os canhões de tiro rapido cobriam as casas de uma contínua chuva de ferro e de fogo; cercand-a toda, os cavalheiros da morte, vestidos de couro, com o machado á cinta, esperavam anciosos o momento da victoria. Não era uma lucta entre a cidade e o invasor: era o combate na propria cidade.

Os homens gaúchos subiam as ruas, espicaçados pelo furor de Gumercindo, a espumar. Naquella terra de paz, porém, onde tudo é harmonia, havia resistencias. Subiam os revolucionarios, luctavam. As cabeças rolavam, tombavam os corpos dos velhos e a força dos jovens; mas, os homens ferozes retrocediam, quebrados d'odio, para ensanguentar os campos, matando rezes, e ouvir o Gumercindo gorgolejar improperios em hespanhol.

Veio, afinal, o triste dia da morte. A

Lapa já não era a florescente cidade, uma das mais importantes... As casas furára-as o contínuo balear; as vidas, ia-as ceifando a lucta. Só Carneiro agia na lucidez do seu delirio heroico, só Carneiro se fazia seguir, á frente das trincheiras, animando a alma agonizante do povo.

Cada palavra sua era um balsamo para os feridos, transformava dôres em sorrisos, rebentava no campo contrario em descargas tremendas. Nesse dia, o general conduzia em pessoa o combate, a trez metros de distancia do inimigo, quando se sentiu ferido. O soldado, que o visára, correu ao campo de Gumerindo:

—Matei-o! disse ao entrar.

Gumerindo prendeu-o.

—Se fôr mentira estás morto, se fôr verdade és official!

Carneiro, conduzido a casa, descrevia o typo que o ferira e pedia a todos fizessem constar leve o seu ferimento. Durante dias, o acampamento viveu da sua coragem. Depois, o annuncio da morte, o pavor, a invasão, as armas brancas degolando e a definitiva tomada da horda selvagem...

Quando se acalmaram os acontecimentos e o Paraná recolheu a ver as suas desgraças, havia nas ruas da Lapa montes de carne insepultos, cabeças em decomposição olhando nos abysmos, braços e pernas esparsos, e o sólo estava coagulado de sangue, de um vermelho que na terra parecia rôxo como o manto do Senhor dos Passos...

Desde então morta, a Lapa vive da saudade.

Nós iammos andando. A cada passo, a vóz de um homem relatava uma acção, um factó. A terra para nós, aos poucos, se solemnizava como uma cathedral onde dormissem reliquias. As vózes diziam:

—Aqui, foi elle ferido... Conduziram-no por aqui. Eis a casa onde morreu...

Já não havia echo de musica. O sol estava mais pallido, muito fraco e pallido, as ruas pareciam maiores, cheias de relva e héra; e as creanças pousadas, com os pés nus, á porta das casas, eram como hostias de innocencia olhando o céo. Dessa atmosphera, dos velhos predios cerrados, dessas creanças esplendentes como figuras de missal, da vegetação de verdes severos e de hortensias azues, vinha-nos uma quebreira muito grande, uma vontade de parar sobre as pedras, onde agonizavam vidas, e escutar a chorar a sua pobre historia.

De repente, demos no largo: era a igreja.

No templo, onde nos seus nichos os santos olhavam calmos, era mais fria a temperatura. Todos ajoelhavam; no ar, os dedos faziam signaes da cruz. Afinal, appareceu o sacristão com as chaves da capella, onde está enterrado

Carneiro. As portas abriram-se, demos numa sachristia estreita, onde ha trez pedras tumulares. A do heróe fica no meio. Ha uma inscripção laconica na parede.

Todos nós estavamos alli como para a eternidade, e ficariamos assim se o commandante José Carlos não se lembrasse de recordar, em discurso, a sua antiga admiração pelo general.

Emquanto José Carlos falava, eu disse para o promotor:

—Como é triste, Deus do céos!

—Pois não é—fez o moço—pois não é? Aos primeiros tempos, quando cheguei, não me continha: chorava todo o dia... Oh! e então, á noite, quando ha luar... tudo é tão claro! As arvores, os campos parecem aljofrados de prantos, e nem rumor.

—Mas, a gente daqui?

—A gente daqui emigra aos poucos; a que resta.

José Carlos procurava o ramo; encontrava-o.

Em derredor, os que nos acompanhavam, assistiam á cerimonia, respeitosos.

Eu já não podia mais, lembrando o perfil do grande homem no tumulo do qual a cidade vive a finar-se, como uma amante apaixonada. Saí para a igreja. Os vitraes do velho templo são brancos, nus, liquidos, deixando ver o céo temeroso, e a terra cheia de recordações.

A igreja é como um relicario onde vive a crença de Nossa Senhora e a do heróe, onde se guarda a Virgem Dolorosa e dorme o que se bateu contra a fatalidade inexoravel; é o proprio hostiario, onde se esphacelam as esperanças da terra. Os muros escorrem lagrimas esverdeadas; no tecto, sombras parecem pulverisar tristezas, um ar de vetustez branqueja as coisas. De dentro, o trecho de espaço e a praça que nós vemos, parecem seculares. Tudo é lendario. Oh! como se comprehende bem o sentido desse qualificativo a que a acorrentaram. A lendaria Lapa, a Lapa das legendas heroicas! Sobre a paz daquelle vergel de bonanças, caíram os demonios de um pezadello eterno, e nunca mais ella viveu senão nas allegorias do sonho, em pleno dominio da legenda. O sudario de lava matou-lhe a realidade; não sabe mais quando o tempo passa:—está extactica á beira da vida, na adoração da epocha morta.

Quando deixámos os velhos muros, ia mais alto o sol, envolto sempre na bruma especial que o empallidecia. Nas ruas, nem semblante d'homem, nem cara de mulher. Só creanças, essas creanças lindas, com a belleza dos narcisos e dos anjos do Senhor, essas creanças cuja pellê lembra as petalas das rosas, cujos olhos da côr das flôres dos campos guardam mysterios e tristezas nas palbebras serenas. Já ahi,

eu apressava o passo. Ou viver eternamente para Deus, nessa vivenda da saudade, ou deixal-a para que não se infiltre a nossa alegria de amargura.

Na *gare*, a banda de homens idosos regidos pelo rapazola, soprava nos instrumentos a sua emoção. E outra vez, o bando de creanças sonhadoramente pouzava debaixo das estantes, como se fôsse voar na onda sonóra, para nunca mais voltar.

O wagon partiu. Abri uma das janellas, olhei. Já distante, na bruma rôxa, a Lapa perdia-se como uma viuva sem esperanças, chorando a sua dôr.

Lapa! a lendaria Lapa, que soffreu pelo Paraná inteiro e é como o perfil da saudade olhando o infinito!...

JOÃO DO RIO.

## ASPECTOS DA GUERRA

NO EXTREMO-ORIENTE—O PAIZ NEUTRO E OS PRINCIPIOS DA CIVILIZAÇÃO EUROPEA—O QUE SOFFRE A MANDCHURIA.

Nos dois exercitos de mais de quatrocentos mil homens, não é para admirar existirem assassinos, ladrões, sádicos, louco e cobardes. Não ha agglomerações humanas sem esses seres anormaes, idiotas, degenerados e monstruosos.

Esses dois exercitos combatem, encarniçadamente, longe do sólo natal, vencendo difficuldades inauditas, supportando fadigas opprimentes. Não ha um soldado, russo ou japonéz, que não tenha visto caírem, ao seu lado, centenas de camaradas; todos elles calculam, com precisão, as grandes forças empregadas para destruil-os. Não se pôde exigir sejam sentimentaes esses homens que vivem na obsessão do perigo, matando e se arriscando a morrer, transformados em tigres pela fatalidade.

Pôde-se esperar que tenham a doçura de um missionario, a comprehensão de um philosopho, a delicadeza de um diplomata; pôde-se suppôr que esses incultos camponezes russos, os seres mais atrasados de toda a população européa, mostrem o discernimento e o methodo de um sociologo em viagem? Esses pobres homens fôram enviados á Mandchuria sem serem consultados, sem se lhes dizer porque, para servirem a uma causa que não comprehendem; permanecem nos seus postos porque não podem fugir; expõem-se, a cada momento, á morte, por não terem outro remedio: são victimas da fatalidade ineluctavel. Ora, essa gente precisa de comer quando tem fome, precisa de lenha para se aquecer, quando tem frio: é a guerra.

Eu convessava—refere Ludovic Naudeau—sobre esses assumptos com

um jovem cirurgião militar, um dos que sonham a regeneração do Imperio, um desses entusiastas que, numerosos no exercito da Mandchuria, formarão a classe dirigente da Russia de amanhã. E elle me disse, melancolicamente :

— E' uma féra terrivel, a féra humana, quando inculta, quando insensível á vibração das idéas, aos principios generosos, quando não tem impulsos moraes e é sómente dominada pelos instinctos, embrutecida, pelos trez flagellos — o alcool, a ignorancia e a superstição.

—Concordo e, como o senhor, reconheço que a guerra moderna não se accommoda ao obscurantismo e embrutecimento das massas. Os successos dos japonezes estão demonstrando quanto é necessario que o mais humilde soldado traga para a guerra um pouco de intelligencia e uma ardente paixão. Cada vez mais difficil se torna contar, unicamente, com a obediencia passiva para conduzir ás carnificinas rebanhos humanos, inconscientes de seu destino, ignorantes das profundas razões patrioticas pelas quaes devem fazer o sacrificio de sua vida. Cada vez menos, poderão os governos lançar-se em aventuras e emprehender, futilmente, guerras que não enthusiasmem, que não interessem a maioria do povo. Reconheço tudo isso; mas essa questão de ordem geral não é a que discutimos. E, uma vez que falamos dos sofrimentos da população chinesa, deixe-me externar o meu pensamento : os soldados russos portam-se, aqui, com mais moderação e doçura e menos brutalidade que outros exercitos europeus em condições identicas.

O peor ultrage que os chinezes temem tanto quanto a morte — a violação das mulheres — nunca ouvi dizer que os russos tivéssem perpetrado. Vias de facto, aggressões, crimes têm sido praticados pela escoria do exercito; mas não se devem culpar os soldados; nenhum delles, russos ou japonezes, desde os generaes aos simples soldados, é, individualmente, responsavel dos flagellos que devastam a Mandchuria. O combatente, em uma guerra como esta, não se pertence : é um brinquedo da fatalidade superior; não tem mais livre arbitrio : é um semi-automato; quando não obedece á disciplina, obedece aos instinctos : satisfaz suas necessidades materiaes e physicas; faz victimas, numerosas victimas, das quaes a maior é elle proprio, que não deixou, voluntariamente, o lar, a familia, ignorando as idéas dos chefes a que devem obedecer céga-mente. O soldado é tão responsavel pelas sevicias infligidas á Mandchuria, quanto o cacete pelos golpes que descarrega.

Quando se obriga um homem a transformar-se em féra faminta, não é

para admirar que ella arranhe e mor-da; quando um soldado demore, para fazer lenha, á casa de um camponio, é forçado a isso pela necessidade de se preservar do frio; quando lhe extorque a bolsa, é para comprar pão e tabaco : os principaes responsaveis dessas violencias são aquelles que os conduziram a essas contingencias tristes da guerra, sem cogitarem dos meios materiaes de mantel-a, sem preverem as suas sinistras consequencias. Os culpados são aquelles que, emprehendendo uma guerra num paiz neutro, perpetraram o maior attentado soffrido pelos principios de justiça, depois da abolição da escravidão.

E quem perpetra esse horrendo crime? A Russia, a Santa Russia, o paiz dos devotos, o paiz das egrejas e dos mosteiros; a Russia santa, cujo exercito marcha sob pavilhões sagrados, flammulas de cruzadas, e cujos soldados formam quadrados em volta de grandes imagens douradas que, entre as tendas e os sarilhos de bayonetas, flammejam como sóes! Esse crime é tambem commettido pelo Japão, o paiz dos artistas, dos heróes e dos poetas, o paiz bem amado dos nossos intellectuaes; o Japão que se vangloria de ser o renovador da civilisação no extremo oriente!

\* \*

Essa população profanada, violada, victimas de todas as monstruosidades, é, todavia, neutra.

A culpa unica do mandchú é habitar a sua terra, é viver na sua aldeia. Porque existem? Porque se acham alli, no theatro da guerra e não em outro logar onde lhe evitassem as sinistras consequencias? Terão elles, esses camponios ingenuos, direito á existencia? Com que direito pretendem ser homens e respirar a nossa atmosphaera?

Os japonezes e os russos os lezam, sem sombra de desculpa, sem um pretexto. Esmagam-se essas creaturas como se fôram coisas; ellas são eliminadas, como se faz explodir um rochedo que embaraça o traçado de um novo caminho; marcham sobre ella como se fôram dejectos despreziveis. Concebe-se que japonezes e russos se guerreiem á vontade, mas não têm o direito de fazer a guerra molestando um povo neutro. Emquanto existir um principio de justiça, um idéal, um direito das gentes, os humanos da Mandchuria poderão bradar ao universo impassivel : Soccorro, soccorro : matam-nos!

O crime desses pobres habitantes da Mandchuria, é serem fracos para expulsarem do sólo natal os expoliadores. Ha uma formidavel antinomia entre o sentimentalismo choramingas, entre o humanitarismo dulçuroso que, em certas circumstancias, exhibem os povos civilisados, e a sua impassibilidade

hypocrita, ante os horrores de uma grande guerra e as catastrophes que ella accarreta.

Sociologos da Europa, que reclamaes reformas, que aspiraes aos progressos infinitos e ao dominio dos principios de justiça, cada vez mais effectivos, sobre as relações humanas; socialistas, que fazeis *grèves* e luctaes para obter alguns vintens mais, por dia de trabalho; internacionalistas, que promoveis o desarmamento; sonhadores byzantinos, vinde ver o emprego feito do principio de justiça, vinde ver que a civilisação, longe de ser a dominadora do universo nelle occupa um lugar insignificante. Antes de vos extraviardes em argucias, antes de vos inebriardes em subtilezas causuidicas, vinde ver o que a humanidade do seculo XX encerra ainda de ferocidade céga; vinde ver o estrume em que se transforma, sob os pés dos fortes, uma raça desarmada. Fazei votos para que as nações, onde brotam as mais nobres flôres intellectuaes, onde o pensamento rutíla, e que são depositarias das idéas sagradas, aquellas onde é permittido fallar de direito e justiça, sejam, ao mesmo tempo, as mais armadas, mais inatacaveis e mais terriveis!

\* \*

Mas, para retemperar um homem ou uma raça, nada ha como a adversidade. As justiçaes perpetradas, na Mandchuria, pelas duas nações que pretendem representar a civilisação moderna, suscitarão vingadores. Nos olhares graves dos meninos de dez annos, quando contemplam o estrangeiro, translúz a alma de uma geração de homens novos. Educados ao ruido do canhão, acostumados a circular nas visinhanças dos acampamentos russos e japonezes, familiarizados, de bom ou máu grado, com as coisas militares, os rapazes de hoje não terão a pusilanimidade de seus antecessores: vêem, ouvem, comprehendem. Devem ser numerosos aquelles que estão convencidos de serem o peor perigo, para um povo, a molleza e a cobardia.

Vendo rebentarem os obuzes japonezes na aldeia natal, fugindo ás balas, vendo galloparem cossacos sob os bellos salgueiros, vendo as suas casas incendiadas, elles pensaram que, neste mundo, não basta ser pacifico para viver em paz; comprehenderam, finalmente, que a frouxidão, a cobardia não impedem os perigos; ao contrario, os attráem e os multiplicam.

Não será em vão que a guerra sino-japoneza, a insurreição dos boxers e o conflicto actual trouxeram a esta parte da Asia, o apparatus do militarismo, e que milhares, milhões de mandchús aprendem, á sua custa, como uma fatalidade inexoravel esmaga os povos entorpecidos, os povos

demasiado prudentes, que renunciaram, á força, a luctarem e a vencerem. Elles verificam de um modo cabal que a bravura preserva mais o homem que a cobardia.

Já se tornam aguerridos esses pacíficos mandchús. Evoluem com o exercito russo ou, na sua rectaguarda, milhares de auxiliares chinezes, cocheiros, moços de estribaria, negociantes, mascates, que exhibem bravura igual á dos camponezes europeus em identicas circumstancias. Observa-se nas ruas de Mukden, como succedêra nas de Liao-Yang, um spectaculo instructivo: meninos chinezes fazendo a continencia militar, assobiando musicas dos regimentos russos; bandos de rapazes brincando de soldado, como os rapazes de França, com carabinas e sabres de madeira.

Estamos já muito longe do pequeno chinez de biombo grotesco com o seu leque e os seus confeitos. Não diremos que esses meninos, esses rapazes serão todos patriotas avidos de desforra, heróes e martyres; mas, é um facto evidente que germina, no paiz, uma nova especie de homens diferentes de seus antepassados, tão beatos, tão doces, tão molles, fosseis, vegetaes de fórma humana que, durante seculos, se accumularam em gerações sobre as planicies da Mandchuria. Os mandchús do futuro saberão querer; terão ambições, saberão luctar e sofrer.

O canhão dissipou a poeira dos seculos, arrancou do somno uma raça chumbada a uma paz incompativel com a combatividade, com a avidez, da especie humana.

Excellentes observadores, como o almirante inglez, lord Charles Beresford, no seu livro — *Partilha da China* — affirmaram que a população da Mandchuria era vigorosa, laboriosa, e a mais energica da China, e poderia, no futuro, fornecer, sob os auspícios de instructores competentes, um excellent exercito.

\* \*

Fique a Mandchuria sob a auctoridade da Russia, torne-se japoneza ou volva, como aspira, ao dominio do palacio de Pekin, será sempre com a China que ella terá relações intimas, trocas intellectuaes, communhão de aspirações: ella pertence ao mundo amarello e, mais cedo ou mais tarde, voltará a elle.

E quando o patriota mandchú e o instructor japonéz completarem o seu trabalho regenerador, quando se concluir a união dos amarellos, a Europa pagará caro a sua cegueira, a sua hypocrisia, a sua fraqueza e todos os attentados perpetrados em nome da sua civilisação.

LUDOVIC NAUDEAU.

## POEMETOS EM PROSA

(BAUDELAIRE)

UM HEMISPHERIO NUMA  
CABELLEIRA

Deixa-me aspirar indefinidamente a fragrancia de teus cabellos e nelles mergulhar meu rosto, como um homem sequioso n'agua de uma fonte, e agita-los com as mãos, lembrando um lenço aromatisado a sacudir saudades pelo ar.

Se tu pudésses saber tudo o que eu contemplo! tudo o que eu ouço! tudo o que eu sinto em teus cabellos! Minh' alma vagueia sobre o perfume como a alma dos outros homens sobre a musica.

Teus cabellos encerram uma visão perfeita de mastros e de velas, de vastos mares cujas correntes me conduzem a regiões feéricas, onde o espaço é mais azul e mais profundo, e onde a atmosphaera exála o odor dos fructos, das folhas e da pelle humana.

No oceano da tua cabelleira entrevejo um porto cheio de homens vigorosos de todos os paizes que cantam barcarólas melancolicas, e navios de todas as fórmas destacando suas architecturas, finas e bisarras, sob um largo firmamento de eterna calmaria.

Nas caricias da tua cabelleira, encontro a indolencia de longas horas passadas num divan, na camara de um bello navio embalado pela ondulação serena do porto, entre amphoras de flôres e cyatos de refrescos.

No hemispherio de tua cabelleira, aspiro a essencia do tabaco, mesclada com a do opio e do assucar; na noite de tuas madeixas, vejo rutilar o infinito do azul tropical, e nos fios velludos de teus cabellos, embriago-me com os effluvios do alcatrão, do almiscar e do oleo de côco.

Deixa-me morder indefinidamente as tuas tranças espessas e negras. Quando mordo teus cabellos elasticos e rebeldes, creio viver de saudades..

\* \*

## O ESTRANGEIRO

—Homem exotico, que amas tu na vida, dize? Teu pae, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?

—Não tenho pae, nem mãe, nem irmã, nem irmão.

—Tens amigos?

—Proferiste um vocabulo cuja significação me é desconhecida.

—Tua patria?

—Ignóro em que latitude está situada.

—A belleza?

—Divindade immortal, eu a amaria profundamente.

—O ouro?

—Abomino-o, como abominas a Deus.

—E que amas, pois, estrangeiro enigmatico?

—Amo as nuvens. as nuvens que passam.. além. as maravilhosas nuvens!

\* \*

## EMBRIAGAE-VOS

E' necessario ser sempre ébrio.

Nisto está o todo: é a unica questão. Para não sentir o formidavel peso do Tempo, que alquebra os vossos hombros e vos inclina para a terra, é preciso embriagar-vos sem cessar.

Mas com que? Com vinho, com poesia ou virtude, á vossa vontade. Mas, embriagae-vos.

E se alguma vez, sobre a escadaria de um palacio, na herva verdoenga de um fosso ou na solidão sombria do vosso quarto, despertardes com a embriaguez já dissipada, interrogae ao vento, á vaga, á estrella, á ave, ao relogio, a tudo que foge, a tudo que geme, a tudo que róla, a tudo que canta, a tudo que falla, perguntae que hora é essa; e o vento, a vaga, a estrella, a ave, o relogio vos dirão: «E' a hora de se embriagar! Para não ser escravos martyrisados pelo Tempo, embriagae-vos; embriagae-vos, sem cessar! Com vinho, com poesia ou virtude, á vossa vontade.»

\* \*

## MARINHA

Um porto é um logar fascinador para um'alma fatigada da lucta pela vida.

A amplidão do céu, o broslado caprichoso das nuvens, as colorações variadas do oceano, o scintillar dos pharóes, são um prisma maravilhosamente apropriado a enlevar a vista sem já-mais entediá-la.

As fórmas delgadas dos navios, a mastreação excentrica, ás quaes o marulhar imprime oscillações harmoniosas, fazem germinar no coração o amor á belleza e ao rhytmo.

E, sobretudo, ha ahi uma especie de prazer aristocratico e mysterioso para aquelle que não tem ambição nem curiosidade, em contemplar, ouvindo a bramidora musica marinha, todos os movimentos dos que partem e dos que voltam, dos que téem ainda a força de querer, o desejo de viajar e conhecer os esplendores de outras terras extranhas.

SOUZA PINTO.

Ceará, março.

## O DIREITO DOS POBRES

E' innegavel a dureza da vida que supportam os pobres, no seio das nossas fulgurantes e aperfeiçoadas sociedades modernas. Mais de uma vez, em paizes e de diferentes raças e de diversas

civilizações, de deseguaes condições economicas, se tem averiguado, nestes ultimos tempos, que a situação dos pobres e humildes é identica, sob o ponto de vista das necessidades verdadeiramente humanas e dos interesses sociaes. A tal proposito, não valem os argumentos optimistas de qualquer escola economica, nem de qualquer fanatismo politico, guindado, por ventura, á suprema direcção de um paiz. Apenas, aqui ou allí, a providencial Natureza, carinhosa e terna, protege, com mão benefica, a vida atormentada das creaturas sem lar e sem pão, dando-lhes o calor vivificante que substitúe a roupa e a producção do sólo uberrimo, que attenúa os rigores da fome inexoravel.

Assim mesmo, os economistas, unidos pelo sentimento da ingratição, attribuem a cada um regimen, cuja defesa lhes é paga, esses beneficios que se resumem no *poder viver*, e que resultam, em linha directa, da bonissima influencia das forças naturaes ! . .

A verdade é desoladora e desanimadora. A condição dos que não se podem bem collocar á mesa do banquete social permanece quasi a mesma, não obstante os progressos da Sciencia e da Industria, e os enormissimos esforços da Caridade e da Assistencia. Nas grandes cidades, a miseria, mais ou menos associada ao vicio e ao crime, se patenteia hedionda e invencivel. O pobre se confunde frequentemente com o mendigo, provocando a severidade dos codigos e os protestos dos que querem digerir sem pensar na fome alheia. Por toda parte, se occupam os governos, com maior ou menor interesse, do magno problema de limitar os direitos dos pobres e necessitados, regimentando-os, disciplinando-os, sob apparencias de protecção e de auxilio. O «esconder a pobreza» parece ser a preocupação maxima dos tempos de agóra.

A realisação do seu idéal se vê na face esqualida do pobre envergonhado, que calca no fundo peito o grito do faminto, e morre no hospital, cercado dos modernos soccorros da imponente Medicina academica. . . .

Demais, o Estado se confessa desarmado e fraco para resolver a tremenda difficuldade, desculpando-se com o augmento dos seus encargos e com a crise economica que vamos atravessando.

E' sob a impressão desse estado de cousas que o espirito do homem estudioso naturalmente se volta para o passado remotissimo, procurando conhecer a situação dos pobres e dos humildes. Tomemos para base das nossas observações a antiga civilisação hebraica.

Ernesto Renan, quando interpretava certas passagens dos Prophetas, nelas enxergava o mais ardente movi-

mento democratico. O Deus (Jahvé) de Isaias, de Micheas, de Jeremias e de Zacharias é um Deus de justiça e de caridade, que determina a pratica do bem, como a mais preciosa das offerendas que lhe pôdem ser tribuadas.

«Aprendeí a fazer bem; procurai o que é justo; soccorrei o opprimido, fazei justiça ao orphão, defendei a viuva. (ISAIAS, II, 17).

Não menos expressivo é seu fallar pela bôcca de Zacharias :

«Julgae segundo a verdadeira justiça, e cada um de vós exercite com seu irmão obras de misericordia e de piedade. E não opprimaes a viuva, nem o pupillo, nem o estrangeiro, nem o pobre; ninguem forme no seu coração máus intentos contra seu irmão. (Capitulo VII).

Micheas transmittia ao povo de Israel as palavras solemnissimas do seu Deus, quando clamava :

«Eu te mostrarei, oh homem, o que Deus de ti deseja; é que obres segundo a justiça e a misericordia». (VI, 9).

Inspirando Jeremias, dizia o Senhor:

«Julgae com rectidão e justiça, e livrae da mão do calumniador o injustamente opprimido; e não contristeis o estrangeiro, nem o orphão, nem a viuva, nem os aperteis injustamente». (XII).

Para lembrar mais directamente os deveres que ligam os pobres aos ricos e a nihilidade das riquezas, Jahvé, por vezes, inflammou a palavra dos seus prophetas e legisladores. A Isaias, por exemplo, fez dizer que «eram desgraçados os que juntavam casas e mais casas, como se fôssem os unicos a possuir a terra !»

Um escriptor moderno, de quem aproveitaremos alguma cousa, (\*) observou, a proposito, que a preocupação da egualdade constituia a alma, o intimo, de todo o direito hebraico. E nessa preocupação ia, sem duvida, a defesa dos interesses dos pobres e dos humildes. E' assim que se deve interpretar a instituição do *sabbat*, como resultante da necessidade de dar descanso ao trabalhador, para diminuir a relativa desigualdade social que o separava do patrão ou empregado. «Afim que vosso criado e vossa serva repousem como vós» — disse o Senhor.

No direito hebraico se tinha fixado não só a duração como a remuneração do trabalho, por maneira inilludivel:

«Tu não recusarás o salario do indigente, quer seja elle teu irmão, quer seja um estrangeiro que habite tuas terras.

«Mas, tu lhe darás, no mesmo dia, o preço do seu trabalho,

antes do pôr do sol, porque elle é pobre e só tem isso para viver».

Isto no DEUTERONOMIO. No LEVITICO lê-se :

«O salario do teu empregado não ficará em tua mão até o dia seguinte».

Não só o salario deve o homem ao seu semelhante em troca do trabalho; deve-lhe, tambem, a ajuda necessaria a lhe manter a vida, o emprestimo sem juros, nos casos de extrema pobreza e de enfermidade. (LEVITICO, XIX, 13).

A situação dos ricos para com os pobres é precisamente definida no primitivo direito dos Judeus: sobre os bens dos que possuem tem os necessitados um indiscutivel direito, correspondente ás necessidades inadiaveis, e ao dever que tem os ricos de repartir com os outros o bem que é todo de Deus e do qual são simples possuidores temporarios.

Arrendatarios do Bem Divino, não é licito aos homens ricos negarem a parte dos pobres, cuja destribuição agrada á profunda misericordia do Grande Proprietario. A mais importante manifestação desse direito dos pobres se encontra no DEUTERONOMIO, verdadeiro codigo civil e criminal dos Hebreus. Todos os annos, o proprietario rural devia pagar aos pobres o dizimo, isto é, a decima parte do producto das suas colheitas. Era do costume fazer essa destribuição para solemnizar a visita ao Templo. Além desse, outro dizimo triennial é devido a certos necessitados, como o levita, a viuva, o orphão e o estrangeiro. (DEUT., XIV, 22 27-28-29).

E, em verdade, o trabalho, só o trabalho legitima a propriedade, segundo a lei mosaica, como observou Mimault. O possuidor de uma terra tem direito aos seus productos considerados como fructos do seu trabalho. Dahi resultava a instituição do *septenato* ou anno *sabbatico*, que era aquelle em que não se lavrava o solo, nem se semeava. Então, o que espontaneamente nascia da terra pertencia ao trabalhador; ao estrangeiro, aos chamados *pobres do povo*. Era o jubileu da pobreza. De seis em seis annos éra «o sabbat da terra», assim consagrando uma clarissima manifestação do socialismo hebreu, a expressão directa desse sentimento de egualdade, que domina todo o Direito de Israel, nivelando pobres e ricos. A terra, propriedade divina, a todos devia alimentar igualmente.

Quem lê o estudo que Foustel de Coulanges dedicou á analyse da propriedade territorial na civilisação greco-romana, sente toda a grandeza dessas instituições hebraicas, unicas que, na Antiguidade, reconheceram o direito dos pobres. Bem se justifica, emboira diante dessas simples notas, a affirmação de Ernesto Renan, quando via na legislação social dos Hebreus a

mais formosa manifestação da solidariedade humana, inspirada pelos principios moraes de um povo soffredor e crente.

EVARISTO DE MORAES.

(\*) J. E. Fidalgo — LE DROIT DES HUM-  
BLES, 1904.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### E' PAIO

Quem cré da bella, a quem ama,  
Quando raivosa ciuma,  
No faniquito ou desmaio,  
E afflicto por ella chama...  
Não ha duvida nenhuma,  
*É paio.*

Velho com mais de cincoenta,  
Que a moça de quinze annos,  
Viva e quente como um raio,  
Espósa, e a cabeça isenta  
Julga de pesados damnos,  
*É paio.*

Sujeito que faz á mesa  
Discursos de legua e meia  
Em estylo inchado e cambaio,  
E de verbosa riqueza  
Se inculca, e se pavoneia,  
*É paio.*

O que, tratando com gente  
Da patria lingua, em francez  
Falla como papagaio,  
E acha isso mais decente  
Que fallar em portuguez,  
*É paio.*

Moço eivado do juizo,  
Que revê-se em seu semblante,  
Como quizerdes, chamai-o ;  
Para mim não é *Narciso*,  
Tem um nome mais frisante,  
*É paio.*

O que tem de ir a salões,  
E o que ha de lá dizer  
Parafusa, e faz ensaio  
De gestos e posições,  
Esse (não tem mais que vêr)  
*É paio.*

Quem hoje ainda porfia  
Em colher no Pindo flôres,  
E leva de maio a maio  
Sempre co'a bolsa vazia,  
E o qu'eu sou, meus senhores,  
*É paio.*

Mais que as letras vale a trêta ;  
Só esta dá lauta mesa,  
Carro, cavallo, e lacaio ;  
Quem faz a vida de poeta,  
Acabando na pobreza,  
*É paio.*

FRANCISCO MONIZ BARRETO.

### AS MULHERES DOS MINISTROS

Não será sem fructo deixar advertido a todas as mulheres, que o chegarem a ser de ministros, e pessoas que teem á sua conta os negocios publicos, alguma cousa tocante á conservação desse estado.

Dão muitas destas senhoras mulheres de ministros, com grande risco dos maridos e casas, em quererem ser ellas ministras tambem como elles. A tres pontos se reduzem estes inconvenientes: Interceder pelos que pretendem, negociar com os despachados, revelar segredos aos negociantes.

Não sei qual é peor. Affirmo que tudo é pessimo para a opinião dos ministros, cujas mulheres se deixam levar do applauso, interesse e ambição.

Tenho em meu poder a copia de uma carta de Carlos V para d. Felipe, seu filho, quando em uma das suas jornadas o deixava governando, e instruia dos sujeitos que lhe dava por ministros ; e chegando a um, de quem não tinha toda a satisfação, diz estas palavras : *Fulano era el mejor de todos, si fuera eunuco, por la mujer deshace en aquel hombre las mejores partes que ha visto.*

Nas mulheres de ministros de justiça, é mais perigoso este costume. Mas porque os de estado são pessoas maiores, quando nelles se acha este defeito, é mais notavel ; ou quiçá que o não é tanto nos primeiros, por ser mais ordinario. Ao que alludia um cortezão, que, pegando-se o fogo em casa de um ministro de justiça pouco escrupuloso, ia dizendo pelo caminho : *Acudamos, señores, á nossa fazenda, que se nos queima.*

Costumam as mulheres de alguns ministros, pela propria razão que se houveram de abster, e ajudar com grande tento a levar aquella carga a seus maridos, occasionar-lhe seu precipicio, carregando-os de novo com suas desordens, e vindo depois com elles a terra.

Deve o marido começar por si mesmo no cuidado que é bem que tenha de sua conservação. E pois é certo que ao proprio sangue, em que nossa vida consiste, lançamos das vêas, se se corrompe, porque não apodreça o outro que nos fica, quanto mais se deve sangrar a ambição, ou interesse, se na mulher fôr conhecido, que em breve tempo ameaça corrupção á saúde do corpo, e da familia, morte da casa, do officio e da conveniencia ?

Havia em Castella um ministro dos que vou dizendo ; era pouco limpo, ainda que mui asseado ; mercadejava a mulher e ganhava sempre : elle dizia, quando lhe gabavam suas alfaias : *Muchas gracias á la industria de d. Clara.* E o certo era que a industria era clara com que d. Clara se aproveitava da sua industria.

Passando ás Indias um mercador, lhe foi dada certa encomenda da mulher de um ministro ; e acertou o pobre de se perder, e perdê-la, com todo seu cabedal. Tornou á Hespanha, e á Côrte ; e não lhe sendo recebida em desconto a perdição, houve tal violencia no caso, que lhe fizeram pagar aquella encomenda com ganhos, e cabedaes como que não podesse ser perdida como as outras. Voltou a Sevilha, e topando a outro mercador seu amigo, lhe perguntou aonde ia, e havendo-lhe dito á Igreja Maior, a segurar com Deus, e com os homens de negocios, certa grande partida de fazenda que esperava de fóra, então lhe disse o queixoso : *Andade, señor, y no hagais tal ; mejor es encomendarla a mi senora d. Fulana, que toda la sacca a puerto de salvación.*

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO.

\* \* \*

### BILHETES DE PARIZ

*Aos estudantes do Brazil*

SOBRE O CASO QUE DELLES CONTA  
MME. SARAH BERNHARDT

### III

Emfim, eis mme. Bernhardt nessas terras tão formosas de Santa Cruz, que (segundo se deprehende do seu *Exame de Consciencia*) ella, á maneira dos Souzas e dos Anchieta, foi simultaneamente conquistar e civilisar. E eu tenho pressa de chegar tambem ao caso estranho, á homenagem estranha que ella de vós recebeu, oh ! meus amigos, tal commovem nesse *Exame de Consciencia*, com uma simplicidade, um tom de grave modestia, que são deliciosamente tocantes. *No Brazil*, (diz mme. Bernhardt, em palavras que copio e que desejo fiquem para sempre addicionadas á historia da Republica) *no Brazil, os estudantes arrancavam os sabres e distribuiam cutiladas, porque se não deixavam desengatar os meus cavallos, metter os hombros aos varaes e puxar elles a minha carruagem !*

Aqui está ! E' simplesmente esta belleza ! E agora dizei se tal caso não ultrapassa em estranheza sombria todos os casos passados com Sarah, na sua immortal missão através da America ! Elle contém todos os horrores. E' a arma furiosamente arrancada ! E' o golpe e o sangue pingando ! E' toda uma mocidade, primavera sagrada, que se engata aos varaes de uma caleta e puxa, trotando ! Porque vós puxastes... E o que torna o vosso acto

humanamente atróz (por ser tão contrario ás leis sagradas da Humanidade, nas suas relações com os vehiculos de rodas) é que vós não puxastes envolvidos e como impellidos por um sentimento universal e congenero. Se todo o Brazil, num unanime enthusiasmo, bradasse — *puxemos!* — vós poderieis, muito justificadamente, como cidadãos de uma Republica, obedecer a essa ardente decisão da soberania popular. Mas, não! Ao contrario! Houve *alguem*, e *alguem* muito respeitavel (como observou e contou mme. Bernhardt) que vos queria impedir de metter os hombros livres aos varaes, e puxar! Quem foi esse *alguem*? O Estado, ciumento de que puxasseis um carro que não era o carro delle? O Genio da Liberdade, indignado? Simplesmente, a policia zelosa, para obstar a que nas ruas se estabelecesse uma confusão deploravel entre as funcções que pertencem aos cavallos e as funcções que pertencem aos estudantes? Não sei. Mme. Bernhardt não o revela — mas houve *alguem*. Houve um peito generoso que se collocou entre vós e os arreios que appetecieis. Vós traspastastes esse peito com um ferro iracundo — e correstes para os arreios! E' pois, para esse degradante fim que a mocidade academica do Brazil arranca as espadas que lhe pendem da cinta airosa? Mas socegae — eu não lançarei aqui um paralelo sublime entre aquelles que se batem para sacudir um jugo e aquelles que se batem para obter um freio!

E não me digaes, constrictos, que mme. Sarah é mulher, e que tem genio e que visitou a Academia, e que vós contaes vinte estouvadas primaveras, e que o sol do Brazil escálda — e que todas estas circumstancias estonteadoras vos precipitaram (uma noite em que o vinho de Collares estava especialmente fresco e saboroso) da intellectualidade na cavallidade! Oucas desculpas, meus doces amigos. Quando eu era estudante, tambem Coimbra foi visitada por bellos genios, sob o sol exaltador de maio, estando já desabrochada a flôr do Ponto. Veio um prestidigitador; veio um rabequista; veio a divina Gabriella, que já me não recordo se dançava na corda, se representava melodramas, mas que era divina. Nós acolhemos todos esses genios, soberbamente, como homens li-

vres. Convidámos o rabequista a ceiar, na taverna do Cavalheiro, essa sardinha e esse bife sombrio, que desde os tempos d'el-rei d. Diniz, a academia em Coimbra offerece ás almas onde descobre verdadeira grandeza. Nessa ceia, justamente, o Collares esteve, como nunca, fresco e saboroso — e mais tarde, alta noite, na calçada dos Apostolos, sob o luar enfiado de maio, espancámos o rabequista. A' divina Gabriella dedicámos sonetos excelsos, de subtil conceito e coruscante rima. Depois, um bello moço passou, cravou em Gabriella um olhar fatal e negro, e Gabriella seguiu o bello moço para uma casinha branca que ficava entre as acacias de Santa Clara, onde a vida lhe correu submissa e doce, concertando a roupa branca do moço bello que passára. Assim Coimbra, no meu tempo, tratava os genios que a visitavam, exactamente como Jerusalém tratava os prophetas que a ella vinham — e que logo eram submettidos pela sua força, ou corrompidos e presos pelo encanto da graça. De certo ninguem, na Europa, quereria que vós espancasseis Sarah. Esses desastres são mais adequados aos rabequistas. Mas, seria honroso para o Brazil e para sua mocidade que Sarah, a triumphal, se quedasse entre vós, com o coração vencido, nalguma clara chacara, entre mangueiras, concertando roupa branca! Não! em vez disto, depois de duras cutiladas naquelles que vos queriam salvar do humilhante serviço — desengatastes as eguas de Sarah, lançastes aos hombros democraticos os tirantes de Sarah, e puxastes a caleça de Sarah, trotando, talvez relinchando!

Caso horrifico — e inesperadamente novo. Que o céu seja ardente ou gelido, por toda a parte a mocidade é excessiva e phantastica. Em Coimbra, eu assisti aos delirios mais variados — e de todos partilhei. Fizemos trez revoluções; derrubamos Reitores excellentes, só pelo prazer de derrubar e exercer a força demagogica; proclamámos uma manhã a libertação da Polonia, mandando um cartel de desafio ao czar; penetrámos, em commissão, num cemiterio para intimar a Morte a que nos revelasse o seu segredo; destruimos, uma noite, através da cidade, todos os mastros e arcos de luxo e mólhos de bandeiras e obeliscos de lona, erguidos para celebrar não sei que glo-

ria nacional, porque elles contrariavam as leis da nossa Esthetica; abandonámos a Universidade, num clamoroso exodo, para ir fundar nos arredores do Porto, uma civilização mais ou menos de harmonia com o nosso horror aos compendios; atacámos e dispersámos procições, por as não considerar sufficientemente espiritualistas; organisámos uma associação secreta para renovar a guerra dos Titães e destronar Jehovah... Fomos medonhos — e quasi todos os annos nos batemos com as tropas que o governo mandava para nos manter dentro da decencia e do raciocinio. Na realidade, (com excepção de estudar) tudo fizemos: — mas, nunca mettemos os hombros a varaes de carros, nunca puxámos.

E todavia, todavia... Sim! puxámos! Nem eu desejo esconder esse facto, que nos honra. Puxámos em 1867. Puxámos uma pesada caleça, forrada de damasco azul, a galope, relinchando de puro enthusiasmo... Mas, sabeis vós quem nós assim puxavamos através das historicas ruas de Coimbra? O vigesimo oitavo rei de Portugal, que descera do seu throno, oito vezes secular, para visitar a Academia. E sabeis vós o que fizera esse rei, para que nós assim o puxassemos com tão quadrupedante e relinchante amor? Esse rei magnanimo, logo ao entrar em Coimbra, por aquella Ponte Velha, que foi talvez o mais doce, poetico e encantado logar da terra, ergueu a sua mão real e concedeu á Academia, oito dias de feriado! Oito dias de feriado!... Desde logo, (como comprehendeis) este nobre rei tomou para nós as proporções augustas dum Trajano, dum Tito, dum Marco Aurelio, dum desses imperantes providencias, a quem Deus, por suas proprias mãos, compõe uma alma especialmente virtuosa para que elles tornem os povos ditosos. Um tão immenso bemfeitor não poderia ser puxado, através das ruas de Coimbra, pelos mesinos animaes inferiores que puxam os omnibus, as carroças do lixo, ou as victorias da burguezia illetrada. A' sua grandeza moral, competiam, como á gloria de Alexandre, o Grande, ao entrar em Babylonia, fulvas parelhas de leões de juba heroica. Em Coimbra, porém, (pelo menos no meu tempo), não abundavam os leões. Os unicos animaes superiores e heroicos eramos

nós, os estudantes. Os lentos, esses, sempre os considerámos como animaes inferiores e, além disso, irracionais. De sorte que não hesitámos perante este serviço de cocheira. E para que esse nobilissimo rei fôsse nobremente puxado — puxámos nós, com nobreza. Mettendo os hombros aos varaes, cumprimos um alto dever civico, porque conservámos áquelle rei admiravel, que nos déra oito dias de feriado, o prestigio e o brilho victorioso que lhe faltariam se o puxassem simples cavallos sem educação, sem exames de latim e logica, sem noções de direito romano, sem opiniões metaphysicas, sem luvas, sem idéal!

Aquí estão os motivos transcendentales por que nós puxavamos a carruagem — quando puxavamos. Mas vós, desgraçados!... Mme. Bernhardt não vos deu oito dias, nem mesmo um solitario e curto dia de feriado — e vós desengataes os cavallos da *Dama das Camélias* e trotaes sob as redeas de *Phedra!* Que fareis vós, então, quando de novo possuireis um Imperador ou um Rei, e esse Imperante, na sua amorosa visita de reconciliação á Moccidade, vos dér oito, ou talvez (porque no Brazil é tudo grande) dezesseis dias de feriado! Dezesseis dias! Oh! meus irmãos de além-mar — dezesseis dias! Que fareis então, nesse deslumbramento incomparavel? Decentemente, não podeis prestar a esse Imperante magnifico as honras que déstes a uma bella dama, só porque ella recitava Racine — pondo os seus moribundos olhos em alvo. Vós desperdiçastes, assim, como uma simples actriz ambulante, a homenagem que a Humanidade (pelo menos deste lado do Atlantico) reserva para os Prophetas, os Enviados de Deus, os grandiosos da-dores de feriados!

E o mais desgraçado é que agóra toda a comica genial ou dançarina sublime que vá ao Brazil, espera a vassalagem que prestastes a Sarah e que Sarah papagueou logo estridentemente ao mundo, de cima da columna triumphal do *Figaro*. Certamente, em breve, receberéis a visita da fallada Rejane, de Hading, a bella, ou da muito garota e muito plangente Ivette Guilbert. E, arrepiado de horror, já daqui vejo essa Guilbert, horas depois de desembarcar na vossa terra, descendo as escadas do hotel, calçando aquel-

las immensas luvas pretas que são a parte mais consideravel do seu talento, e dizendo, risonhamente, ao criado:

«Estou prompta... Mande engatar os estudantes.»

E, por fim, para findar, sabeis vós qual é o verdadeiro e intimo horror do vosso caso? E' que vós nunca arrancastes essas espadas (que, de resto, não usaes) e nunca na realidade puxastes a essa carruagem que mme. Bernhardt concebeu. Mas, todos vós, que tendes algumas noções, mesmo incertas, de metaphysica, conheceis o grande principio de Kant. Este ultra-profundo philosopho estabeleceu que para nada importa a existencia ou não existencia das coisas — e só importa a crença ou não — crença que os homens téem nas cousas. Assim, é perfeitamente indifferente que Christo, como Christo, existisse realmente numa certa provincia Romana que se chamava a Judéa: — o que importa, e importou para a transformação do mundo, foi que os homens acreditassem na existencia de Christo, como Christo. No universo não existe, como certeza, senão o Pensamento e desde que o Pensamento se concreta e cria um ser ou um facto, esse facto ou ser *existem*, e de uma existencia indestructivel, porque participa da indestructibilidade do Pensamento. Ora, hoje toda a Europa culta que lê o *Figaro*, claramente e firmemente crê que vós puxastes a essa carruagem que o fogoso pensamento de Sarah creou, para sua maior gloria. E, portanto, segundo esse solido principio de Kant, que todas as escolas reconhecem — vós puxastes... E agóra, para todo o sempre, na Europa que lê o *Figaro*, a idéa de estudantes do Brazil se ligará a arreios, a freios e a uma caleça cheia de Bernhardt, que róla, num trote entusiastico, levando entre os varaes, em vez de burros, doutores.

Tal é a derradeira criação da perfida Sarah! Quando ella voltar ao Brazil, não lhe arranqueis o coração pelas costas. E depois consideraes que a inspirada senhora necessitava justificar a cruz da Legião de Honra — e deslumbrar, com uma estupenda lista de triumphos, o Estado, que lh'a devia resvalar entre o prato e o guardanapo. Por isso, no Brazil, ella vos atrelou á sua carruagem! Por isso, no Canadá, arrastou atrás do seu trenó o Poder

Legislativo! Por isso, forçou aquellas pobres senhoras do Chile a recitar os folhetins do bom Jules Lemaitre, que é influente na *Revista dos Dons Mundos* e, portanto, nos Ministerios... E tudo debalde, oh! gentil *Dona Sol!* O Estado, obtuso duro, não se commoveu, não foi ao *Grand Hotel*, pé ante pé, metter entre o guardanapo e o prato de Sarah a cruz da Legião de Honra. Mme. Bernhardt necessita, portanto, apresentar outra lista de triumphos ainda mais decisivos, de homenagens ainda mais prodigiosas! E para o anno, quando voltar a estação das Apotheoses e das Cruzes, a bôa mme. Bernhardt, rigidamente sincera e veridica, trepará de novo á alta columna do *Figaro*, e publicará, perante a Europa attonita, outro *Exame de Consciencia*, em que dirá, com palavras que para sempre resoarão através da Historia:

— « Nos Estados Unidos da America do Norte, todas as manhãs, antes d'almoço, eu trotava pelas avenidas de Washington, montada no presidente Mac-Kinley. »

EÇA DE QUEIROZ.

Pariz, 1894.

## O ALMIRANTE (23)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIII

— Isso tenho eu proposto um milhão de vezes. Protestou que ficaria peor na solidão e, embóra eu lhe dissésse que poderia levar uma companheira, a Doloresita, por exemplo, unica pessoa viva, que lhe dá volta aos caprichos, não houve meio de convencer-o. O senhor não calcula quanto é difficil lidar uma creatura daquellas, que parece fina como um retróz, mas é rija como um arame de aço. E' das taes que resistem sem bulha, sem matizada.

— O silencio é a resistencia passiva das mulheres.

— A quem o diz... Levo horas inteiras a supplicar, e ella não dá signal de ouvir-me. Se não fôra o muito que lhe quero... Eu preferia, palavra de honra, que se amuasse, que chorasse, que se zangasse, como fazem as outras...

— Não se assuste, barão — exclamou Dolores, regressando á sala, com um sorriso brejeiro nos labios — Não foi nada: apenas, uma subita indisposição, que passou...

— Ora graças — suspirou o barão.  
— O engraçado — tornou Dolores,

dirigindo-se a Oscar — é que foi o senhor o causador ; foi o senhor que provocou aquella suave vertigem...

— Eu ? — exclamou Oscar, que o barão contemplava com esgares de surpresa.

— Sim, senhor — affirmou Dolores — A baroneza nos contou que estava absôrta, preza aos seus labios, ouvindo as bellas palavras dirigidas a Amelia. Ella fica encantada com os homens que falam bem. De repente, quando o senhor falou em pudor, em decótes, ficou allucinada, e veio-lhe uma tentação diabolica de se despir, aqui, deante de todos, rasgando o vestido, que lhe asphyxiava o corpo...

— Não é a primeira vez que lhe dão essas venetas — observou o barão, inquieto — E' o demonio do espartilho...

— É, deve ser o espartilho — affirmou Oscar, para dizer alguma coisa, tanto o intrigava o insistente olhar de Dolores, que lhe disse á puridade :

— Ou o ciúme...

E como o barão se afastasse, ella continuou :

— A baroneza está louca pelo senhor.

— Mas, isto é um gracejo...

— Pelo contrario : um caso muito serio. Aquelle faniquito veio muito a proposito, para interromper o seu colloquio com Amelia...

Essa mulher está doida — exclamou Oscar, indignado.

— Póde ser. Todas nós enlouquecemos, quando temos a fraqueza de amar um homem indifferente, que não sabe ler nos nossos olhos... ler nos olhos de uma mulher, como o senhor, que é marinheiro, habituado com o movediço, o inconstante e o suprehendente, lê no céu os indicios de bom tempo e de tormenta...

— Mas, o que a senhora está dizendo é inconsequente absurdo...

— E' bem possivel ; mas, infelizmente, é a verdade. A baroneza ama-o e vive enciúmada, porque o senhor não a comprehende ou a evita. Eu comprehendo que a sua situação é difficil como quasi noivo de Amelia...

— Noivo ?

— Toda a gente o affirma, como coisa decidida. A mór parte dos casamentos são feitos pela vóz publica. O meu casamento foi assim feito. O Dádá appareceu como juiz de direito; começou, como era natural, frequentando a nossa casa, uma das mais reputadas da comarca. Um bello dia, disse-me uma amiga : « Então não dizia nada, estava caladinha e de casamento ajustado ? Caí das nuvens, porque nem pensava ainda no casamento e tinha, além disso, uma certa antipathia pelo Dádá, sempre arredió de moças, muito serio e acanhado, com aquelle olhinho branco a se mexer por trás de uns oculos azues. A novidade passou de bôcca em

bôcca e, mais tarde, minha madrinha, que era uma senhora viuva, rica e muito ajuizada, chamou-me á parte e disse-me, alizando-me, com carinho, os cabellos:—«Estás moça, minha filha, e precisas cuidar do teu futuro— e como eu a olhasse espantada, ella continuou, depois de breve pausa :—«Porque te não casas com o doutor Adeodato?» — Porque -- respondi — porque nunca pensei nisso, porque não gosto delle... «Deixa-te de historias, menina. Não regeites o partido que elle te offerece: é juiz de direito, homem de juizo, de muito bom genio, muito no caso de fazer a tua felicidade.» Pelo muito que queria a minha madrinha, não insisti na recusa para não magoal-a. Dias depois, mamãe falou-me nos mesmos termos e accrescentou que todo o mundo já falava nesse casamento, que era uma coisa quasi assentada e que me ficaria muito mal recusar. Essas scenas se repetiram. O Dádá entrou a procurar-me com um sorriso desconfiado, a me dizer palavras amaveis e, um bello dia, o casamento estava feito. Ahí está como desposei um homem que eu não amava, muito differente do que eu sonhava... O seu casamento com Amelia já está approvedo pela opinião publica.

— Affirmo-lhe que nunca pensei nisso. Eu e Amelia somos como irmãos...

— Deve haver entre os dois mais que amizade, uma affeição menos innocente, que a baroneza percebeu. E as mulheres amorosas presentem a rival, como um cão fareja a caça. Depois, diga-me, francamente: não é um facto natural, uma consequencia das circunstancias, das suas relações com a familia do conselheiro? Demais, só cegos não vêem que ella gosta do senhor.

— Engana-se, Dolores. A franca e sincera amizade que nos liga ha tantos annos, é um preservativo contra o amor. Além disso, passou a minha vez. Com os meus habitos, com as minhas idéas, eu seria, agóra, um máu esposo, um pessimo pae de familia.

— Ninguem póde prever o que será depois do casamento, que é a revelação do aspecto verdadeiro dos corações.

Oscar estava verdadeiramente enleado com as inconvenientes insinuações de Dolores, e experimentava secreto vexame, vendo devassada a sua vida intima pela bisbilhotice feminina, de que a sua interlocutora era a encarnação diabrina. No outro dia, o faniquito da baroneza correria, segredado de ouvido em ouvido, commentado e ampliado entre a chacota das rodas elegantes, para a grande publicidade, como um escandalo galante. E, dahi em deante, o nome de Amelia seria arrancado do seu impermeavel recato para se associar ao da bella

mundana, a languida baroneza de Freicho, como personagem de um episodio de comedia. Elle proprio ficaria, por suã vez, emparceirado ao gordo barão; seria o rival desse pobre homem ingenuo que, havia instantes, lamentava os seus intimos infortunios de marido desdenhado, a choramingar nas torturas de um supplicio tantalico.

E Dolores entrou a lamentar a sorte da amiga, que não tivéra energia de domar o coração, como se doma um passaro, para que elle gorgoeie, regalando o dono, dentro dessa gaiola de deveres inexoraveis, feita de fios de aço, entrelaçados num tecido de preconceitos, absurdo e rijo, para reduzir á inercia a fragilidade feminina, forçal-a á renuncia da liberdade, onde se desvairaria como a força masculina. Ligada a um marido generoso e apaixonado, commedido, chegado á idade em que o homem não devóra, brutalmente, a sua preza, mas poupa, com avareza, os raros momentos de gozo, ella não poderia prever que o coração despertasse da modorra conjugal, fascinado pelos bordados de um bello marinheiro e sonhando um amor impossivel.

Oscar tentou, varias vezes, interromper essas considerações importunas, cheias de ironia e de allusões, que quasi o irritavam: mas, Dolores continuava, aproveitando os momentos de ausencia das outras pessoas preoccupadas com a indisposição da baroneza; manifestava-lhe, com franquezas muito realistas, muito desabridas, o perfeito conhecimento dos homens e dos seus processos brutaes de dominio, e affirmava estar preservada, pela experiencia, das decepções, onde vêem morrer, extenuados, os amores ingenuos. A ella não succederiam já-mais esses desastres ridiculos. Não regeitaria a assiduidade de um homem de espirito; deixar-se-ia cortejar e, mesmo, ser amada emquanto isso não passasse de um meio de notoriedade, de uma decoração indispensavel ás mulheres superiores, attenuando sempre um interesse positivo ou sentimental. Que sacrificios não tinha ella afrontado de rosto alegre, para melhorar a situação do Dádá?... Quanto lhe havia custado deter-se nas fronteiras do crime, aonde pretendiam arrastal-a amigos desleaes, homens serios, de uma gravidade veneranda, homens escrupulosos, austéros pregadores de moral, inexoraveis censores dos peccadilhos alheios, nivelados todos a satyros abjectos, quando se reputam protegidos do olhar publico, tendo nos braços victimas indefezas. Se as mulheres soubessem que os homens todos, os mais humildes como os mais elevados, estes principalmente, são brutaes, violentos, na posse do objecto anhelado que elles conspurcam sem piedade, como porcos a entornarem na lama

infecta a comida sã; se ellas soubéssem que todos elles são os mesmos no amor, quantos males, quantas lagrimas, quantas desgraças evitariam?...

— E' por isso — ajuntou Dolores — que eu me deixo amar, mas não amo... como a baroneza, cégame.

— A senhora me inquietá com essa insistencia absurda, que eu, de fórma alguma, auctorisei. .

— Fique tranquillo. Julga-me, talvez, importuna, indiscreta, leviana... Não tenha receio. Isto não passa de uma palestra instructiva entre um homem que percorreu o mundo inteiro, e uma mulher que o conhece de mais. Eu lhe presto o serviço de prevenil-o contra os suspiros da baroneza, contra as manhas romanticas daquella tôla, para o socego da sua noiva...

A marquez de Uberaba veio em busca de Oscar, acompanhada por Marianninha e outras senhoras, que se despediam de d. Eugenia. Vieram tambem, para o salão, Laura e Hortencia, e, embiocada em riquissimo abrigo de damasco vermelho, marcado de grandes flôres prateadas, a baroneza de Frêicho, apoiada ao braço do marido. Ella suspirou, ainda uma vez, apertando a mão de Oscar, que empallideceu sob o olhar zombeteiro de Dolores.

— Bôa noite — murmurou ella, á puridade. Não me queira mal. Note que não voltou ao salão a sua noiva...

— Minha noiva — respondeu-lhe Oscar, sorrindo, estreitando nos braços Hortencia, que se lhe acercára carinhosa, e beijando-lhe a fronte — Minha noiva, aqui está...

Hortencia encolheu-se ruborisada, e Dolores franziu os sobrolhos, como se um pensamento máu lhe houvésse varado o cerebro.

(Continúa)

## A FESTA DA COLHEITA

Em outubro, proximo, no Porto, realisar-se-á a festa da colheita.

(Telegramma dos jornaes)

Vejam os senhores. Portugal, aquella nesguinha de terra, a terra dos *Juquins* e dos *Munélis*, váe fazer a festa da colheita. Portugal tem colheita para festejar.

Em outubro, o Porto se enfestona e, nuns flammejamentos de esplendores, atira á rua a allegoria do Campo, do Arado, do Suor e do Trabalho.

Portugal tem colheita.

E nós? E nós, que vivemos com as bochechas cheias de uma pretensão casmurra de quem vive acima dos acontecimentos, ninguem me dirá que é que temos? Uma grandeza que só fulgura nas refulgencias de um sonho,

uma riqueza que todos vêem, mas que ninguem pôde tocar ainda.

E é só. E é só.

E assim mesmo dizemo-nos um povo, e temos sempre a bengala em riste para o lombo do atrevido que nos dissér o contrario. Os sentimentalistas, os patriotas, os poetas, a mocidade briosa, por ahi se cruzam na ancia gostosa de um desdoiro para o dever bonito de limpar o vestido da patria enxovalhada.

Mas, afinal de contas, que vale isto? Simplesmente o culto de ser uma patria.

O resto, babuzeira grossa: uma vaidade deliciosamente convencida, escancaradamente aberta para o ridiculo.

E o peor é que não ha um meio desse povo se convencer do contrario. Todos os dias, quando acordamos desse maldito sonho de grandeza, ahi está a verdade maldita gloriosamente á amostra, numa grega exposição de formas crúas, numa crúa devassada de coisas tristes. E, no entanto, bastava um assomo para sermos grandes, bastava a coisa mais corriqueira deste mundo, que em toda parte se faz, que Portugal sempre fez e de que qualquer conselheiro Acacio se lembraria: trabalhar.

Hoje é moda gritar-se, pelos jornaes e pelos livros, a necessidade do braço. O Brazil precisa do braço para a lavoura, do braço para a industria, do braço para a arte.

Qual braço, qual nada! O que se precisa é de uns milhares de cordõesinhos para movimentar esses braços, como se faz com os bonecos de papelão.

Por aqui, ainda não é nada, a coisa é alli pelo norte, alli pelos sertões do norte. Por lá, só se tem uma colheita, só se tem um trabalho: fazer filhos. O sertanejo só sabe fazer filhos. E assim mesmo, fal-os mal feitos, uns desengonçados sensuaes, uns preguiçosos de marca, que, quando creanças, vivem matando a fome nas goiabeiras ou matando piabas nas lagôas, e, quando homens, deitados dias inteiros, caximbando mezes a fio, numa impassibilidade chata de posta de carne morta.

Si vocês chegassem a ver o que é aquillo! Uma miseria, uma verdadeira miseria.

A casa do sertanejo. Vocês não imaginam o que é a casa do sertanejo. Uma tócasinha encafuada num recanto de matto, a dois passos da estrada, uma tóca esconsa, deploravelmente coberta de palha brava porque a palha mansa dá mais trabalho na cobertura. E' um quartinho apertado, com trez ou quatro redes esfuracadas, um fuso, uma espingarda imprestavel e um cachorrinho faminto, rosnuando tristemente á beira das trez pedras do fogão apagado. E mais ainda: uma infinidade de bichos de pé.

E alli, naquelle quarto, dorme a familia toda: o marido, a mulher, os filhos já frangotes, a creançada, a matuta virgem.

De manhã, lá está o velho sentado á porta, fumando, com os olhos desprendidamente estendidos para a estrada. Tem a compostura calma de um rico: não sabe e não tem o que fazer. No emtanto, para a frente, para trás, para a direita, para a esquerda, a pompa entontescente da vegetação arrojada: é o campo immenso, victoriosamente aberto, esplendendo ao sol, todo plano, todo macio e perdendo-se, além num desmaio feliz de tons azues; é a matta rebentando numa insolencia triumphante, na exuberancia phantastica do viço e da fartura, empolgantemente verde, de um verde consolador e quente, que se alastra para o infinito. Em cima, o céu, um céu sempre claro, sempre azul, sem nuvens, sem nevoas, com um sol tão bonito.

E o sertanejo olha e reólha tudo aquillo, como um millionario dyspeptico, que não faz caso de dinheiro; e depois — não houve chuva, as chuvas fôram muitas, lagartos deram na rôça e não pôde haver colheita.

O dia em que se abalam a trabalhar, é um acontecimento. A creançada segue á frente, a mãe depois, o matuto velho atrás.

As leis mais intuitivas da distribuição do trabalho, não lhes acóde. Não fica ninguem em casa para cuidar dos arranjos domesticos. E á tarde, quando todos voltam, não ha nada para se comer. E' ahi, então, que o velho, si ha polvora e si ha chumbo, bota a espingarda aos hombros, e váe á caça. Volta, muitas vezes, de mãos vasias.

Mas, pensam que se altera? Tráz o mesmo rosto calmo, o mesmo despreendimento, a mesma despreocupação. Teve — teve, não teve — é a mesma coisa.

Nós conseguimos ter uma raça que nem mesmo da fome tem medo.

A previdencia é luxo para o sertanejo. Ha lares onde não se ouve cacarejar uma gallinha, onde não ha um pinto para um doente.

Esses legumes caseiros, essas fructeiras communs, que todo o mundo planta no quintal, elles lá não téem. Não se vê um pé de couve, uma bananeira, uma laranjeira.

O quintal é o nome official de um pedacinho de terra mais capinado, que fica ao fundo da palhoça. Tem simplesmente o nome, utilidade não tem.

Na epocha da colheita, da sonhada colheita, ha fartura no lar. São dois samburás de arroz em vagem, mandiôca, gerimuns, feijão, pepino. Leva-se uma semana, duas semanas matando a fome do anno. A creançada, o matuto velho, a matuta velha, a matuta virgem, avançam naquillo como se faz aqui nos *bufetes* das

barcas da Cantareira, por occasião das regatas. Come-se tudo num dia, e si houve fartura, leva-se uma semana comendo. Os ventres empinam, ha indigestão em toda a familia.

Acabada essa, ha outra colheita — a da melancia. Um povo que se diz um povo, leva dias e dias a se sustentar de melancia. Acabada a melancia, nada mais ha. E' esperar o anno vindouro, amansar a barriga até o vindouro vir.

O viageiro que atravessa o sertão da minha terra, si não levar bem sortidos os alforjes, tem por força de soffrer fome. Nas moradas tristonhas dos camponios, não se encontra um ovo, um pedaço de rapadura para enganar o estomago. Encontra-se sómente um grupo de esmolambados, de olhos indolentemente profundos, um grupo de gente que tem medo de gente, todo coberto de trapos e, ás vezes, sem trapo algum cobrindo o lombo.

Uma manhã, no meu sertão maranhense, estes olhos, que a terra ha de comer, viram, á porta de uma chóça, uma tabarôa de dezeseis annos. Imaginem: chupava dedo, e, sobre o corpo em pubescencia, uma simples camisa esfarrapada, que a deixava quasi núa, com aquillo tudo apparecendo.

O trecho em que nasci, rega-o o Itapicurú-mirim, uma caudal de fartura que dá peixe a todo tempo, pelo inverno e pela secca. Pois dos moradores da beira, são raros os que téem tarrafa, mais raros ainda os que pescam. O *jjyqui* é um cesto de talas, com a bôcca largamente aberta, por onde entra o peixe para não mais saír. E' bastante atirar-lhe um pedaço de palmito dentro, e mergulhal-o no rio.

A primeira piaba entra, entra a segunda, chegam-se mais peixes para lhes fazer companhia. Conhecem-se presos: remexem-se, barulham e rebanam. E, ao ruído, os outros véem em cardumes immensos.

De manhã, o cesto está apinhado. E' o meio mais facil de pescaria.

Pois em minha terra, não ha quem tenha um *jjyqui*. Vi um, um só, na mão de um caboclo, que se tratava.

E o que admira é que essa gente tenha alegrias. Numa ou noutra data, uma latada se estende á frente de um casebre; enrama-se e aclara-se o terceiro e, de noite, a viôla retine os requiebrados, e o mestiço lesto e a matutinha aligera castanholejam e revoam, á toada tropical da musica brejeira. E' o unico momento em que o camponio é gente.

Mas, assim mesmo, ha dessas festas que nada mais são do que um desenrolamento sombrio de alegrias (permittam a phrase) de alegrias melancolicas. A viôla plange lacrimosa, como si estivesse chorando de preguiça; a luz dos candieiros tem o as-

pecto da dos cyrios; as mulheres cochilam; os homens bocejam e sómente a viôla magoada conversa a sua intimidade de tristezas. São as festas em que a aguardente é escassa e não ha um bôlo de milho para se comer.

A magoa que eu tenho é de não ter apparecido ainda uma penna honesta, secca, sem sentimentalidades patrioticas, que pudésse pintar aquillo como aquillo é. Quem melhor o fez foi Graça Aranha. A primeira vez que li *Chanaan*, esgúelei como um doido, chamei-lhe pernicioso, chamei-lhe até pasquim. Li-o a segunda, li-o a terceira. O livro é sincero, verdadeiro até á purulencia da ferida.

Graça Aranha tem alli o nojo de quem viu, o nojo que eu sinto e que vocês sentirão, de certo, si chegarem a ver tambem.

E é esse o povo que faz o Brazil!

E não se vá dizer que o Brazil somos nós, aqui da cidade, que ainda temos coragem de nos vestirmos e plantar legumes no quintal. O nosso paiz é aquillo lá; aquella gente é que váe á guerra, é que lavra o sólo, que sustenta esse colosso, que dá dinheiro para avenidas, que enche a barriga dos figurões.

E assim mesmo, julgamo-nos uma potencia. Pois só poderemos ser alguma coisa no dia em que nos venceremos de que isto não vale um caracól.

E para lhes dar mais uma nota de fraqueza, eu lhes digo que o Maranhão a terra dos papa-arroz, importa arroz, importa arroz da Inglaterra.

Por essas e outras, é que entristeço ao ver chegar a noticia da festa que Portugal váe fazer á bôa terra que cultiva. Podiamos fazel-a melhor. Mas, a estas horas, nos recéssos das mattas, os nossos lavradores estão sentados á porta das palhoças, com os olhos desprendidamente estirados para a estrada, emquanto para a frente, para trás, para a dextra, para a esquerda, esplende a pompa da terra, esplendem o campo, a matta phantastica.

VIRIATO CORRÊA

### ACADEMIA BRAZILEIRA

A ESFERA PASSIVA, A ESFERA ACTIVA DA ACADEMIA — AS QUESTÕES DE ALTA LITTERATURA — A VAGA DE PATROCINIO — OS CANDIDATOS — UM ARTIGO INNOCENTE.

Abaixo, váe o artigo de um jornalista provinciano, o sr. Augusto Franco, publicado no jornal official de Minas, lançando (ao publico, apenas) a candidatura do dr. David Campista, á vaga aberta na Academia, pela morte de Patrocínio.

Esse artigo, feito na mais innocente intenção, ao qual se refriram, ha poucos dias, telegrammas de Bello Horizonte para a nossa imprensa diaria, é interessante por uma série de motivos.

Em primeiro lugar... como reforço á vontade de se praticar, nas eleições da Academia, o mesmo que se vê nas nossas eleições politicas.

Hontem, para se preencher a vaga de Martins Junior, verificou-se uma exacta, uma verdadeira influencia do processo eleitoral do 2º districto desta cidade.

Até senhoras, com uma diligencia quasi inconsciente da sua missão, cuidaram duma cabala d'aldeia, e, mesmo, homens de grandes responsabilidades do pensamento nacional votaram, gratuitamente, por méro gosto de serem sensiveis a *empenhos*... num dos candidatos, contra o merito, a composura moral e mental do sr. Souza Bandeira. Ainda, nesse programma, um professor duma escola superior exigiu dum alumno seu, filho dum academico, o voto do pae em beneficio do outro candidato. O *mimetismo* eleitoral, na Academia, está nessa altura.

Agóra, é um jornalista, com ares de chefe politico, lançando uma candidatura, que seria, aliás, a mais sympathica possivel, sem prejuizo de ser, tambem, sufficientemente innocua; porque, hoje em dia, a eleição para Academia, não é ainda eleição para o Congresso. O sr. David Campista, o mais elegante e fino dos oradores da Camara, si fôr esperar por essa exhibição do sr. Augusto Franco, ficará, quando muito, na *academia dos goncourt*... onde qualquer dos senhores póde entrar, sem precisar de inscrever-se.

Os leitores descubram, no seguinte artigo, outras coisas interessantes.

« Quando um grupo de escriptores brasileiros se lembrou de fundar uma academia de lettras, não faltou quem motejasse da idéa e troçasse os seus promotores, entre os quaes, entretanto, se contavam homens da mais elevada capacidade intellectual.

Apezar dos motejos e das troças, que se justificavam sobretudo pelo espirito de imitação de que era acoidada a idéa — imitação á Academia Franceza, até em o numero de confrades — installou-se a Academia Brazileira com o escól da mentalidade nacional.

As pilherias continuaram, os escarneos, as zombarias fôram adeante, mas a Academia tambem foi adeante, e hoje, embóra os golpes tremendos que soffreu, os ataques sem treguas de que foi alvo, é um instituto consolidado.

Hoje, disputam-se com empenho extremado as suas poltronas, os academicos se penhoram de collocar o seu appellativo na capa dos livros que publicam, o officialismo dá forças ao gremio, os jornaes o tratam com seriedade e respeito.

Em summa, a Academia venceu definitivamente as primeiras luctas. Já fez muito no terreno da resistencia passiva. Agóra, é preciso fazer mais, muito mais, na esphera activa. Carece de justificar a sua existencia, a sua razão de vida.

Uma vez que ella se modelou pela Academia Franceza, porque não lhe seguir todos os passos?

Como se sabe, a de França, entre outras importantes e fecundas, propõe

oficialmente questões de alta litteratura, que são tratadas pelos associados.

Um dos livros mais vigorosos do grande Taine, o mestre extraordinario da critica e da historia philosophica, foi estimulado por uma proposta da Academia. E' o *Essais sur Tite Live*, em 360 paginas brilhantes.

Segundo a proposição da Academia, coube ao preclaro auctor de *L'Histoire de la Littérature Anglaise*, fazer um estudo critico e oratorio acêrca do genio de Tito Livio; tornar conhecidas, por alguns traços essenciaes da sociedade romana no seculo de Augusto, as condições de luz e liberdade, em que escrevia o culminante historiador; e procurar o que se podia saber das circumstancias de sua vida.

Coube-lhe, além disso, resumir as presumpções de erros e de verdades, que se attribuem ás suas narrativas, de accôrdo com as fontes por elle consultadas e conforme o seu methodo de comparação historica, e, sob esse ponto de vista, apreciar devidamente os julgamentos de sua obra feitos por Machiavel, Montesquieu, de Beaufort e Niebuhr.

Em remate, tocou-lhe salientar, pela analyse, por exemplos bem escolhidos e fragmentos extensos de traducção, os principaes meritos e a grande feição dominante da narrativa de Tito Livio, suas vistas moraes e politicas, seu genio de expressão, determinando tambem qual o logar que occupa entre os grandes modelos da antiguidade, e que estudos fecundos ainda podia elle offerer á arte historica do seculo de então.

Taine escreveu o monumental trabalho com referencia a todos esses pontos complicados e multiplos.

Na sessão de agosto de 1855, o velho historiador litterario Willemain, dando conta do manuscrito de Taine, dizia :

« . . . Cette fois (veja-se bem, *cette fois*) l'Académie avait désigné, pour sujet d'un tel travail, un des plus grands maitres de la narration antique, ou plutôt du génie historique, dans tous les temps. . . »

Tambem a nossa Academia devia designar themes, assumptos, questões complexas de litteratura pura, de philosophia, historia, critica, ethnographia, politica, philologia, até de jurisprudencia, para sobre elles escreverem os academicos—livros, memorias, monographias, commentarios, notas, etc.

Nem o facto de ser a Academia Brasileira de letras exclúe os assumptos que se não relacionem directa ou particularmente com a litteratura. Esta deve ser tomada no sentido germanico e italiano, amplo, vasto, abrangente, e que comprehende quasi todos os ramos de producção humana, e não sómente a poesia, o conto, a novella, ou, melhor, unicamente as *bellas-lettres*. (1)

Na Allemanha, os criticos litterarios inclúem em seus trabalhos até pintores e esculptores, e na Italia, os professores de litteratura fazem o mesmo. (2)

A mesma cousa praticou aqui o sr. Sylvio Roméro, o nosso grande *Litterarhistoriker*, na sua incomparavel *Historia do Litteratura Brasileira*.

Na propria Academia, não são todos escriptores nos quaes predomine, de preferencia, a nota litteraria na accção estreita — de romance, conto, poesia, etc.

Os srs. Sylvio Roméro, Araripe Junior e José Verissimo alli figuram mais como criticos, si bem que o primeiro possúe quatro ou cinco outras feições a mais, tão brilhantes como aquella.

São mais publicistas do que litteratos os srs. Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco e Rodrigo Octavio.

O sr. Clovis Bevilacqua é accentuadamente um jurista philosopho; jurista é tambem o sr. Graça Aranha; e o sr. João Ribeiro, mais grammatico do que poeta.

Tornaram-se mais conhecidos como jornalistas os srs. Carlos de Laet e Alcindo Guanabara, e hoje os srs. Medeiros e Albuquerque e Garcia Redondo só cuidam da imprensa.

A historia encontra no sr. Oliveira Lima um cultor apaixonado, e o sr. Rio Branco é, antes de tudo, um geographo.

O sr. Euclides da Cunha é escriptor á parte.

Os romancistas são os srs. Machado de Assis, Aluizio Azevedo, Affonso Arinos, Coelho Netto, Affonso Celso, Inglez de Souza, etc.

Comocontistas, se enumeram os srs. Domicio da Gama, Arthur Azevedo, Lucio de Mendonça e Pedro Rabello.

Os poetas são os srs. Olavo Bilac, Augusto de Lima, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Luiz Murat, Teixeira de Mello, Guimaraens Passos, Franklin Doria, Silva Ramos, Filinto de Almeida, Salvador de Mendonça e Magalhães de Azeredo.

Nesses ultimos, é que o character meramente litterario, no sentido *brazileiro*, parece predominar.

Nos demais, como se viu, as faces caracteristicas são diversas.

Entretanto, nada impede que uns e outros sejam historiadores, criticos, poetas, novellistas, juristas, philosophos, romancistas, a um tempo.

Ha uma outra feição litteraria de notavel valia; é a feição parlamentar.

E um dos nossos mais fulgurantes litteratos parlamentares é, sem duvida, o sr. David Campista, deputado federal por Minas.

Si o passado politico valesse como documentação de merito litterario, poderiamos lembrar que o sr. Campista foi deputado estadual, propagandista da Republica, secretario de Estado

durante oito annos e agóra rebrilha no parlamento nacional.

Mas, nem é preciso ir lá para se justificar a candidatura do illustre professor de Direito á vaga de José do Patrocínio, na Academia Brasileira.

Ninguem melhor do que elle está nas condições de preencher aquella vaga.

As qualidades superiores, que deve possuir o homem de letras, tanto subjectivas como objectivas, tem-nas, em maximo gráu, o sr. David Campista, cujo robusto talento encontra correspondencia exacta num solido e variado preparo intellectual, fortalecido pela operosidade de um espirito activo, arguto e clarividente.

Allegar-se-á que todo o seu extraordinario valor como parlamentar, como jurista e politico, não lhe dará entrada na Academia, porque inda não tem, ao menos, um livro publicado. (3)

Si não ha engano, parece que os estatutos da associação assim o requerem.

Mas, isso não colhe, não procede, porquanto, si é do *volume material, geometrico*, que se faz questão, nada mais facil do que o sr. Campista mandar imprimir dous ou trez livros bonitos, bem feitos, bem acabados, de esplendidos discursos parlamentares, de trabalhos juridicos e politicos, publicados em jornaes e revistas, cada qual mais substancioso e attraente. (4)

Só os discursos pronunciados no parlamento, e que, pelo encanto da fórma e pela belleza dos conceitos, causaram um successo raramente verificado no paiz inteiro, só essas formosas orações fazem abrir, de par em par, as portas da Academia ao glorioso tribuno.

Fala a imprensa em dous outros candidatos — os srs. Domingos Olympio e Severiano de Rezende.

O primeiro, que é um jornalista eminente e um romancista de pulso em *Luzia-Homem*, não tem mais direito do que o sr. Campista de occupar a cadeira de José do Patrocínio.

O segundo, apezar de poeta original nos *Paineis zoologicos* e forte prosador em *Eduardo Prado*, livro onde ha gravissimas injustiças ao sabio polygrapho dr. Pereira Barreto e á valente escriptora portugueza d. Maria Amalia Vaz de Carvalho, é tambem merecedor de se assentar naquella cadeira, porém menos do que o candidato mineiro.

Si, na proxima eleição, o excellente romance *Mocidade Morta*, ou o interessante volume *Ensaio e Estudos* dér ao sr. Gonzaga Duque ou ao sr. Souza Bandeira, direito a um logar na Academia, os trabalhos do sr. David Campista, enfeixados em livros, o levarão ainda com mais direito a penetrar alli, no futuro conclave.

Elle será, no seio do grande gremio,

o representante mais legitimo da litteratura tribunicia, no que ella tem de mais nobre e bello, aprimorado e culto.

Como si lhe não bastassem as qualidades optimas de jurista, sociologo e jornalista, que delle fazem um perfeito homem de letras, um finissimo intellectual, um publicista de soberano valor, ser-lhe-ia sufficiente possuir os grandes predicados oratorios que possúe, para ennobrecer e honrar uma cathedra na Academia Brasileira.

O mais scintillante dos periodistas nacionaes não teria certamente substituto mais digno, nem mais completo.

#### AUGUSTO FRANCO.

(1) O sr. Francisco de Castro foi eleito academico, não por ter escripto obras litterarias, a não ser, quando estudante, um livrinho de versos prefaciado pelo sr. Machado de Assis; mas, pelo cunho litterario imprimido á sua *Clinica Propedeutica*, ao pamphleto sobre a questão — Abel Parente — e a outros escriptos medicos.

(2) SETEMBRINI, *Lezione di Letteratura Italiana* (Napoli).

(3) O sr. Luiz Delfino não possúe, egualmente, nenhum livro; entretanto, è um dos mais notaveis e ferteis poetas brasileiros.

(4) O sr. Graça Aranha, quando entrou para a Academia, não tinha nenhum livro publicado. Contava, porém, excellentes trabalhos esparsos, entre os quaes a *Introdução*, ao livro *Concepção monistica do Universo*, do sr. Fausto Cardoso.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### A DYSPEPTINA

Este novo medicamento é o succo gastrico do porco, absolutamente natural e puro, filtrado através de velas Pasteur, para ficar aseptico e ser conservado em frascos esterilizados.

Para obtel-o nessas condições, o dr. Maurice Hepp o extráe do estomago isolado, por onde não passam alimentos, communicando, directamente, o esophago com a primeira porção do intestino, sem lezar os vasos e os nervos estomacaeos, e, assim, passam os alimentos, directamente, da bôcca aos intestinos. O estomago, em virtude de acções reflexas, verificadas pelos professores Pawlow, de S. Petesburgo, e Frémont, de Vichy, no cão, continúa a fornecer uma secreção normal, recolhida por um trajecto fistuloso do estomago, adherente á parede do ventre, por meio de uma sonda que a recebe no momento da refeição do animal, que, privado da funcção do estomago, se mantem em perfeita saúde, prospera e augmenta de pezo, condições essenciaes para a utilização de seus productos organicos.

E' curiosissima a acção therapeutica do succo gastrico obtido por esse pro-

cesso: não age como um digestivo, propriamente dito, porque perde, na filtração, uma parte de suas facultades digestivas, sem, todavia, lhes tirar o valor: age estimulando as funcções naturaes do estomago doente, regenerando-as, de sorte que, em vez de tornar, como as pepsinas, o orgão preguiçoso, incita-o ao trabalho e lhe restitúe a propria energia.

Essa é a maneira de agir dos medicamentos opotherapicos, extraídos dos orgãos animaes, sendo o mais expressivo exemplo delles a tyroidina, que faz crescerem os anãos, dá intelligencia aos cretinos. A dyspeptina só differe desses medicamentos por ser extraída de um orgão são, em plena actividade vital, ao passo que aquelles o são de orgãos mortos.

Algumas noções scientificas, estabelecidas pelas analyses do succo gastrico dos doentes, obtido por uma sonda, antes e depois do tratamento, permittem indicar, com segurança, a dyspeptina, que age em todos os casos de insufficiencia do estomago, manifestada por simples perturbações gastricas, inappetencia, tumefacção gazonosa do ventre, lentidão das digestões, vomitos, eructações calidas depois das refeições, palpitações do coração, etc, ou por perturbações intestinaes, enterite, diarrhéa chronica. Ella faz bem ao simples dyspeptico, como aquelles cuja dyspepsia indica uma tuberculose incipiente, ameaçadora, por oppôr um grave obstaculo á superalimentação, unico meio de allivio ou de salvação. E' tambem, notavel a acção, como remedio heroico, nas creanças dyspepticas, cuja diarrhéa verde, infecção digestiva paralysa todo o tubo digestivo.

Tal é, em rapida exposição, esse poderoso medicamento para uma das affecções mais generalizadas, como fonte de muitos flagellos da humanidade.

\* \*

### DIAMANTES

O *record* dos grandes diamantes pertencentes, até agóra, a uma pedra da Africa austral, encontrada em Jagersfontein, em 1893, pezando 971 quilates, foi excedido pela descoberta de uma de 3.032 quilates ou 621 gr. 560, em uma nova mina do Transwaal.

As minas sul-africanas téem o monopolio das grandes pedras. Os antigos diamantes de Golconda, os do Brazil, feitas algumas excepções, estão longe de attingir tamanhas dimensões.

Admittida a perda de 75 % na lapidação, essa pedra phenomenal ficará reduzida a 758 quilates, ficando, portanto, muito adeante dos grandes

diamantes historicos, assim classificados com indicação de seus possuidores e de seu pezo:

Nome	Possuidor	Pezo em quil.	
		Bruto	Lapidado
Bragança	Rei de Portugal	1680	367
Dudley	Conde Dudley	88	44,5
Estrella do Sul	»	—	254
Estrella Pollar	»	—	40
Estrella d' Africa	»	—	128 1/2
Florentino Grand Mogol	Imp. d' Austria	—	139,5
G. Duque de Toscana	Rei da Inglaterra	—	139,5
Koh-i-Noo Nassack	Duque Westmimster	194	—
Orloff	Czar	—	78
Facha do Egypto	»	—	194
Pitt	Kediva Imp. d' Allemanha	—	40
Pigott	»	410	137
Regent Sancy	França	—	82,5
Shah	»	410	136,5
	Czar	—	53
		—	86

E' difficil determinar o valor da monstruosa pedra, porque a primeira estimativa de 250.000 libras póde ser aleatoria si considerarmos que, no preço de um diamante, sobretudo de tão expencionaes dimensões, não se computam, sómente, o tamanho, as dimensões, o pezo, mas outras condições que podem fazer variar, infinitamente, o valor, como seja—a agua, a fórmula e a lapidação.

Sob esse ponto de vista, o *Regent* marca o *record* das mais bellas pedras do mundo.

«Este brilhante unico, inestimavel, diz Saint-Simon, eclypsando os de toda a Europa, perfeitamente branco, de fórmula regular, isento de nuvens e palhetas de uma agua admiravel...» Como a maior parte dos diamantes historicos, elle é originario da India, que teve sempre a reputação de fornecer pedras de uma agua incomparavel. Os diamantes antigos—*vieille roche*—provinham, exclusivamente, do mercado de Golconda.

Parece que a enorme gemma encontrada no Transwaal não rivalisará, como agua, com os diamantes celebres. Os do Brazil téem, frequentemente

te, um reflexo azulado e se classificam, como valor intermediario, entre os diamantes da India e os do Cabo.

A Africa austral possui a superioridade incontestavel de manter o mercado do mundo com uma quantidade de diamantes, cujo total excede em muito ao que têm produzido outros paizes diamantinos. Ao passo que do Brazil, desde a epocha da descoberta do diamante, 1725, se têm extraído 15 milhões de quilates do valor de 700 milhões de francos, as minas do Cabo, em menos de 20 annos, de 1867 a 1885, forneceram cêrca de 30 milhões de quilates, representando o valor de um milhar de francos. A razão dessa superioridade é que, nas Indias como no Brazil, o diamante é extraído das areias de alluvião, recolhendo-se o producto da desagregação das rochas diamantinas, ao passo que, na Africa, a exploração é feita, directamente, nas proprias jazidas, nas minas seccas, especies de chaminés vulcanicas, cheias de tufo ferruginoso, pela sua côr azul, denominada — *blue ground*. E' nesse tufo que, sob a acção combinada da temperatura e de uma enorme pressão, como demonstrou Moissan, o carbono se crystallizou sob a fórmula de diamante.

Assim se explica a abundancia de rendimento dos filons do Cabo, explorados em escala colossal pelos mais aperfeiçoados processos industriaes, que não fôram ainda applicados ás jazidas brazileiras.

\*  
\*\*

#### O CHLOROFORMIO

A proposito de um aparelho automatico para a chloroformisação dosada, apresentado á Academia de Medicina de Pariz, por mrs. Reynier e Dupont, o dr. Lucas Championnière provocou, na sessão de 31 de janeiro, uma interessante discussão, contestando os princípios sobre os quaes se baseia o aparelho que, como todos os congenes modernos, feitos para a dosagem do chloroformio, se funda sobre a theoria da *zona manejavel*, os limites extremos de dosagem, entre os quaes o emprego desse anethesico seria innócuo.

Essa zona, afirma o sabio medico, não existe. Desde o inicio da chloroformisação, o paciente é invadido, em toda a sua economia; os anethesicos, immediatos ou totaes, dão prova cabal disso.

dEm vão, fôram classificados esses

phenomenos conforme observações feitas em animaes: a reacção do homem é muito differente. As anesthesias sem perda de consciencia, as anesthesias das parturientes tambem o demonstram. Não sómente a invasão do chloroformio é immediata, mas é variavel conforme as especies que, com a mesma pureza chimica, apresentam reacções physiologicas, sensivelmente diversas e exigem na pratica, uma progressão differente no seu emprego. Não póde haver machinas, determinando, de antemão, a mistura a empregar. Todo o aparelho deve permitir a acção pessoal do operador, porque valem pela habilidade de quem os utiliza.

Segundo a opinião de Lucas Championnière, a maior parte dosapparelhos, inclusive o de mr. Reynier, não trazem á administração do chloroformio condições novas.

Ao contrario, o aparelho de Roth, aperfeiçoado pelo dr. Guglielminetti, e empregado, ha pouco tempo, nos hospitaes de Pariz, faz respirar uma mistura de ar, de oxigeneo e de vapor de chloroformio. Essa mistura tem felizes propriedades. A anesthesia é mais regular, não ha accidentes lamentaveis para o lado da respiração; a chloroformisação, começada com uma dose normal, póde ser continuada com uma dose infima. A função do aparelho é facil de ser dirigida; o despertar é, particularmente, simples, e a administração do oxigeneo puro o completa rapidamente.

O dr. Reynier replicou, invocando a auctoridade de Paul Bert, que estabeleceu os limites da *zona manejavel*, fixando em 15 % o maximo perigoso, conforme experiencias comparativas feitas em animaes.

Evitemos — disse elle — as doses fortes; fiquemos nas fracas porcentagens, e os accidentes serão evitados.

Quanto á composição do chloroformio, elle reconheceu que ha differenças inexplicaveis, e para evitar surpresas emprega sempre o chloroformio chamado — dos hospitaes.

Por sua vez, Reynier defende o seu aparelho e faz ao de Roth-Guglielminetti, a censura de empregar o oxigeneo puro, que póde, em certos casos, provocar congestões pulmonares.

Resulta dessa discussão que, apesar dos apparelhos novos e engenhosos destinados a substituir o primitivo methodo da comprêssa, a questão da anesthesia permanece, ainda, como um campo aberto ás investigações da sciencia.

\*  
\*\*

#### PEZO DO GADO MINEIRO

Na excursão que fizemos, ultimamente, ao Sul de Minas para assistir á inauguração do serviço de navegação

do Sapucahy entre Fama e Carrito, tivemos occasião de conhecer de perto as boiadas que da feira de Trez Corações vão para o mercado do Rio de Janeiro. O dr. Buarque de Macedo, illustre superintendente da E. F. Minas e Rio, prestou-se gentilmente a mandar que fôsse pesado um trem de gado na estação de Cruzeiro, e o resultado obtido é o que indica o quadro seguinte.

Em média, os bois pezaram. 476, kg 225, sendo que os maiores atingiram a 523 kilogrammas.

Devemos consignar que, mesmo para um tal pezo de gado, se applicam os resultados a que chegáramos nos artigos aqui publicados sobre a *Alimentação do gado bovino*; as rações calculadas para um pezo de 250 kilogrammas, sendo duplicadas, servem para o pezo médio de 500 kilogrammas.

Julgamos interessante dar publicidade ao resultado da pezada a que assistimos, porque, assim, fica patente ser bem razoavel o pezo dos bois engordados nos pastos mineiros.

#### PEZADA DE 8 WAGONS DE GADO NO DIA 13 DE JANEIRO DE 1905, EM CRUZEIRO

N. do wagon, série E	N. de rezes	Pezo do wagon carregado	Pezo do wagon vazio	Pezo das rezes
46	12	14.600	8.725	5.875
6	13	14.550	8.325	6.225
35	13	14.225	8.050	6.175
15	13	14.500	8.300	6.200
34	13	14.450	8.325	6.125
23	13	14.175	8.200	5.975
10	12	14.850	8.575	6.275
42	13	14.475	8.750	5.725
8 vag.	102	115.825	67.250	48.575

Pezo médio de cada rez..... kg.  
476.225  
dos bois do wagon 10 E..... k.  
522,9

ARTHUR GUIMARÃES.

(Revista Agricola)

#### COELHO NETTO E O THEATRO

O sr. Coelho Netto não desespera do theatro, no Brazil. E' lhe mesmo possivel, em meio de tantas canceiras de espirito, de tanto e tão veridico trabalho, ter tempo, ter paciencia para esperar... O fino artista, em que peze á preguiça, ao despreendimento do publico, perante a fallencia do theatro-casa — do theatro-pessoal, pensa na sua reconstrucção. A lembrança dos seus projectos, dos seus planos de ataque, o prosador do *Sertão*, com muita confiança, espera. A presença da sra. Lucinda é uma das melhores razões de esperança. O sr. Coelho Netto convidou escriptores, jornalistas, actores a ouvirem a leitura, hontem no theatro *Carlos Gomes*, da peça que traçou contando com a companhia dirigida pela actriz portugueza.

## A VOLUPIA DA VAGA

(AO AFFONSO DE AQUINO)

Vaporisam-se á luz as brumas nos espaços.  
 Enódia vem ao banho. Ao conceto dos passos  
 Seus, límpido, na areia, abemólam o canto  
 Os passaros, no ar ; como as franjas de um manto,  
 Seus cabellos, ao vento, ondeiam e se espargem ;  
 Alçada e firme, esguarda a nemorosa margem  
 Do golfo a scintillar, polido e côr de opala ;  
 As narinas dilata e o cheiro que trescala  
 A redondeza, aspira.

A garganta marmorea,  
 O rijo collo a arfar, desnuda, e a espadua florea ;  
 A botina descalça, e a meia ; a saia arreda  
 Ao jaspelino flanco ; a camisa de seda  
 Arranca, e surge, emfim, gloriosamente núa !  
 Vibra, tudo, ao redor. Guaia o vento, e recúa ;  
 E o ar se faz macio ; e o golfo resplandece,  
 E toda a Natureza, em extase, parece  
 Um templo, um grande templo aberto e silencioso  
 Sob um pallio de céu pagão ; e, suspiroso,  
 De manso, o vento agita o bosque e delle arranca  
 Estranhas vibrações.

Enódia, erecta e branca,  
 Da brancura polar das frias neves, alta,  
 Como uma garça esbelta abrindo as azas, salta  
 Ao múrmuro crystal... Rasgam-se as ondas cerulas...  
 Dessa perola ao baque a espuma abre-se em perolas.

Ara, leve, a nadar, a superfície plana  
 E fulgida do golfo, as aguas espadana,  
 Mergulhando, atrevida, o corpo de alabastro,  
 E deixa, onde fluctúa, um reverbero d'astro.

Uma vaga, entre as mais, ao longe, ergue-se e vibra  
 De ponta a ponta, gotta a gotta, fibra a fibra ;  
 Vê noutras emballado o vivo lyrio branco,  
 Quer sentil-o em seu bojo, arrastal-o em seu flanco,  
 Vestil-o, submergindo-o ; alteal-o triumphante,  
 Passeal-o á flôr do golfo azul. Bufo, troante ;  
 Entumecida e panda esbate-se nas fragas,  
 E deslisa veloz, e corre sobre as vagas...  
 E corre... e corre mais... e corre mais ainda...  
 E— numa ancia de amôr, numa voluptia infinda  
 Chega... beija-lhe os pés, e beija-lhe os artelhos...  
 E sóbe... e sóbe mais... e beija-lhe os jêlhos...  
 E as coxas... os quadris... o ventre jaspeo, beija...  
 Num torcicollo sobe ao dorso espumeo... arqueja,  
 E desce a lhe beijar os seios, marulhando,  
 Como a agitar um sistro... oscilla circulando  
 E cinge-lhe o pescoço... humedece-lhe a bôcca...  
 Envolve-a toda, emfim !

D'aureos reflexos touca

O alvo corpo que enlaça ; aperta-o, como em braços...  
 Conduze-o aguas a fóra em musicaes compassos,  
 Ergue-se em arco, e cáe... redemoinha e se apruma  
 E cáe... e se desfaz em floculos de espuma !

LEAL DE SOUZA.

*(Bosque Sagrado).*

## MATER

Floresces na penumbra anonyma do albergue,  
 Sob o humilde casal de pobres infelizes,  
 Onde mora a honradez e a cuja sombra se ergue  
 A arvore da desgraça, e onde o amor fez raizes.

Ao mundo, sem que á Dôr teu animo se vergue,  
 Surges predestinada ás fundas cicatrizes,  
 E passas, sem deixar quem o teu passo enxergue,  
 Vás, embóra, onde vás, pizes por onde pizes.

Segues a tua estrada entre flôres e espinhos,  
 Ora, esbarras na treva, ora na luz, e, dentre  
 O universal rumor, fére-te a vóz dos ninhos.

E o teu sonho é tão grande e a missão tão profunda  
 Que desprezas a dôr — porque trazes no ventre,  
 Fonte de eterna vida, a dôr que em ti fecunda.

Ceará, 1905.

SOARES BULÇÃO.

## AMOR E MORTE

Amor, um dia, ao se encontrar com a Morte,  
 Teve o momento de lhe perguntar :  
 — O que fazeis em rumo Sul e Norte,  
 Por sobre os Campos e por sobre o Mar ?

E a Morte respondeu-lhe, erecta e forte :  
 — Ando os corpos dos Homens a ceifar  
 Com esta curva foice de atróz córte,  
 Fina e nevada como a do luar.

— E o que fazeis, Amor ? dizei-me agóra,  
 Vós que nascestes com a meiga aurora  
 Que os thezoiros dos sóes enriqueceram ?

E o Amor lhe disse, abrindo-lhe o regaço :  
 — Levo, num sonho, para o azul do Espaço,  
 As Almas que por mim na Dôr viveram.

ARAUJO FIGUEIREDO.